

v.3
2024

ALÉM DAS PALAVRAS

Linguística, Literatura e Letras

Orgs. Jader Silveira
Resiane Silveira



Editora
UNIESMERO

**v.3
2024**

ALÉM DAS PALAVRAS

Linguística, Literatura e Letras

Orgs. *Jader Silveira
Resiane Silveira*



**Editora
UNIESMERO**

2024 – Editora Uniesmero

www.uniesmero.com.br

uniesmero@gmail.com

Organizadores

Jader Luís da Silveira

Resiane Paula da Silveira

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editores e Arte: Resiane Paula da Silveira

Imagens, Arte e Capa: Freepik/Uniesmero

Revisão: Respective autores dos artigos

Conselho Editorial

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Me. Elaine Freitas Fernandes, Universidade Estácio de Sá, UNESA

Me. Laurinaldo Félix Nascimento, Universidade Estácio de Sá, UNESA

Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Dra. Náýra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC

Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS

Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP

Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL

Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB

Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional

Esp. Resiane Paula da Silveira, Secretaria Municipal de Educação de Formiga, SMEF

Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

	Silveira, Jader Luís da
S587a	Além das Palavras: Linguística, Literatura e Letras - Volume 3 / Jader Luís da Silveira; Resiane Paula da Silveira (organizadores). – Formiga (MG): Editora Uniesmero, 2024. 142 p. : il.
	Formato: PDF
	Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
	Modo de acesso: World Wide Web
	Inclui bibliografia
	ISBN 978-65-5492-078-0
	DOI: 10.5281/zenodo.12682706
Título.	1. Linguística. 2. Literatura. 3. Letras. I. Silveira, Resiane Paula. II.
	CDD: 410
	CDU: 80

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Uniesmero
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001
www.uniesmero.com.br
uniesmero@gmail.com
Formiga - MG
Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:

<https://www.uniesmero.com.br/2024/07/alem-das-palavras-linguistica.html>



AUTORES

**DAVI BRAGA DA SILVA
FÁBIO JOSÉ BRITO DOS SANTOS
FERNANDA BRITO DOS SANTOS
MICHELA CRISTINA DA SILVA
MONALIZA ALEXANDRE MAFRA DE SOUSA
NAIARA SILVA DOS SANTOS
NATANAEL DA COSTA
RICARDO REGIS DE ALMEIDA
ROSANA SOARES DOS SANTOS
VALDETE DE SOUZA SILVA
WAGNER DOS SANTOS RIBEIRO DE ABREU**

APRESENTAÇÃO

A obra "Além das Palavras: Linguística, Literatura e Letras", traz um território vasto e fascinante, onde os limites entre os domínios da linguagem se dissolvem, dando lugar a uma sinfonia de significados e possibilidades. Neste magistral compêndio, somos guiados por um grupo de eruditos destemidos, cuja paixão pelo estudo das letras e da linguagem os conduziu a desbravar os mais intrincados recantos do conhecimento humano.

Em um mundo onde a comunicação se tornou uma intrincada dança entre signos e significados, entre sons e sentidos, é imperativo compreendermos não apenas o mecanismo de funcionamento da linguagem, mas também sua influência e poder transformador na esfera literária. Este livro, portanto, apresenta-se como um farol, iluminando os caminhos que percorremos ao explorar os meandros da linguagem e da literatura.

Os autores, conduzem-nos por um vasto panorama que abrange desde os fundamentos teóricos da linguística até os mais complexos desdobramentos estilísticos da literatura, passando pela análise crítica de obras que marcaram época e moldaram nossa compreensão do mundo. Somos desafiados a questionar nossas concepções preestabelecidas, a refletir sobre a natureza mutável e multifacetada da linguagem, e a apreciar a beleza intrínseca das letras em sua forma mais pura e elevada.

Por meio de uma abordagem interdisciplinar e perspicaz, os autores revelam as conexões profundas entre linguística, literatura e letras, destacando não apenas suas divergências e complementaridades, mas também sua capacidade única de dialogar e enriquecer-se mutuamente. É neste diálogo fecundo que reside a essência deste livro: a busca incessante pelo entendimento mais profundo do humano, expresso através da linguagem e da arte literária.

Assim, é com grande entusiasmo que convido o leitor a embarcar nesta jornada intelectual, onde as palavras se revelam como portais para mundos desconhecidos, onde a linguagem se ergue como uma torre de babel, tecendo laços indissolúveis entre os povos e as culturas, e onde a literatura resplandece como um farol, iluminando as sendas da alma humana.

Espera-se que a obra seja não apenas uma fonte de conhecimento, mas também um convite à contemplação e à descoberta, um testemunho do poder transformador das palavras, que transcendem as fronteiras do tempo e do espaço, guiando-nos rumo a novos horizontes de compreensão e de sabedoria.

Que a jornada que se inicia nestas páginas seja tão enriquecedora e reveladora para o leitor quanto foi para aqueles que a conceberam. Pois, como bem disse o poeta, "nas asas da poesia, voamos além das palavras". Que este livro seja, portanto, um voo rumo ao infinito universo da linguagem e da literatura, onde a beleza e o mistério se encontram e se entrelaçam, convidando-nos a desbravar territórios inexplorados e a desvendar os segredos mais profundos da condição humana.

Que assim seja escrito, e que assim seja lido.

SUMÁRIO

Capítulo 1 LEITURA E ESCRITA COMO PRÁTICA ESCOLAR: NECESSIDADES E INTERAÇÃO NA ATIVIDADE EDUCATIVA <i>Fábio José Brito dos Santos; Fernanda Brito dos Santos</i>	9
Capítulo 2 CORPOVIVÊNCIAS DE ESTUDANTES DE INGLÊS DE UM INSTITUTO FEDERAL SOBRE bell hooks <i>Ricardo Regis de Almeida</i>	26
Capítulo 3 OS DESAFIOS DO PROFESSOR DE LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA INGLESA DURANTE O PERÍODO DE GRADUAÇÃO ATÉ A SUA FORMAÇÃO INICIAL <i>Monaliza Alexandre Mafra de Sousa; Davi Braga da Silva</i>	39
Capítulo 4 A RELEVÂNCIA DA PRÁTICA DE LEITURA NO CONTEXTO HISTÓRICO <i>Valdete de Souza Silva; Michela Cristina da Silva; Naiara Silva dos Santos; Rosana Soares Dos Santos; Wagner Dos Santos Ribeiro de Abreu</i>	63
Capítulo 5 LEITURA E PRODUÇÃO DO GÊNERO RESENHA CRÍTICA DE CINEMA NA EDUCAÇÃO BÁSICA EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS <i>Natanael da Costa</i>	81
AUTORES	97

Capítulo 1
**LEITURA E ESCRITA COMO PRÁTICA ESCOLAR: NECESSIDADES
E INTERAÇÃO NA ATIVIDADE EDUCATIVA**

Fábio José Brito dos Santos
Fernanda Brito dos Santos



LEITURA E ESCRITA COMO PRÁTICA ESCOLAR: NECESSIDADES E INTERAÇÃO NA ATIVIDADE EDUCATIVA

Fábio José Brito dos Santos

Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Londrina – UEL, mestre em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará – UEPA, quilombola paraense, docente da Educação Básica e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. E-mail: fabyosantos819@gmail.com

Fernanda Brito dos Santos

Mestranda em Etnodiversidade pela Universidade Federal do Pará – UFPA, docente da Educação Básica e quilombola paraense. E-mail: fefffesanttos@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho discuti a importância da leitura e escrita para o processo de ensino aprendizagem, à vista de fatores indissociáveis, tal como, as interações em sala de aula que fazem parte da vivência escolar e as necessidades vindouras do desafio que é alfabetizar. O objetivo geral do trabalho é debater a alfabetização numa perspectiva da realização docente, quanto a metodologia, estruturou-se fundamentado em uma revisão bibliográfica, a qual levantaram-se estudos que alicerçaram a tematização da proposta. De modo geral, se percebeu que as práticas de leitura e escrita, e o processo de alfabetizar vão muito adiante que o ato de decifrar letras e palavras, adentrando outras habilidades como o letramento, compreensão e interpretação para a textualidade e principalmente o processamento de despertar da análise crítica dos educandos, oportunizando os discentes no desenvolvimento de outros horizontes pedagógicos, no entanto; inúmeras condições também são experimentadas no decorrer dessa ação, isto é, as inúmeras dificuldades na construção dessas práticas que são reflexos não apenas de ações do interno da escola, mas como também de influências externas, como família, comunidade escolar e circunstâncias na base de organização escolar.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Aprendizagem. Prática escolar.

ABSTRACT

This work discusses the importance of reading and writing for the teaching-learning process, in view of inseparable factors, such as interactions in the classroom that are part of the school experience and the upcoming needs of the challenge of literacy. The general objective of the work is to debate literacy from a perspective of teaching achievement, in terms of methodology, it was structured based on a bibliographical review, from which studies were raised that supported the thematization of the proposal. In general, it was noticed that the practices of reading and writing, and the literacy process go much further than the act of deciphering letters and words, entering other skills such as literacy, understanding and interpretation of textuality and especially the processing of awakening the critical analysis of students, providing students with opportunities to develop other pedagogical horizons, however; Numerous conditions are also experienced during this action, that is, the countless difficulties in the construction of these practices that are reflections not only of actions within the school, but also of external influences, such as family, school community and circumstances at the base of the organization. school.

Keywords: Reading. Writing. Learning. School practice.

INTRODUÇÃO

A temática relaciona-se aos entraves de um ensino de qualidade, a qual é um dos pontos referente a leitura e escrita em qualquer nível ou modalidade da educação, pois é, um tema bastante debatido, pesquisados e projetados, seja em qualquer área de ensino, mas ainda escondem muitos fatores que podem ser desenvolvidos e descobertos, itens que são comuns, como a carga crucial na solução e ampliação de conhecimentos.

O objetivo da pesquisa traça-se sobre um debate num entendimento da alfabetização na perspectiva da realização docente, considerando que os professores possuem uma responsabilidade crucial para desenvolver os aspectos mais comuns de competências e habilidades que requer ler e escrever.

Quanto aos procedimentos metodológicos selecionaram-se diversos teóricos que discutem esse objeto de estudo, identificando possíveis fatores que agregam na teorização da alfabetização, abrangendo atores como: alunos, docentes, pais e até mesmos coordenadores pedagógicos.

Diante disso, citaremos os teóricos recrutados nesse estudo, tais eles: Basniak (2016), Campos (2015), Cunha (2006), Dewey (1973), Fernandes e Santos (2008), Gadotti (2009), Guisso (2017), Mazarotto (2015), Montessori (1965) Nascimento e Brait (2016),

Piaget (2011), Portes (2006), Rogers (1973), Rousseau (1995), Silva e Martins (2017), Silva e Silva (2012), Soares (2000) e Soares (1988).

Sala de aula, leitura e escrita, docência e prática alfabetizadora

Todas as informações e interações devem manter a responsabilidade com esse agrupamento, pois na alfabetização é necessária ter uma atenção vultosa. Vemos que há pouquíssimos projetos que tiram o aluno da zona de alfabetização, para estabelecer um dinamismo na construção da aprendizagem, qualquer contribuição acrescentada é exclusiva com o envolvimento de todos, sob o mesmo ponto vista, que os novos mecanismos multidisciplinares precisam ser implementados; contudo não só português é o alvo, mas nunca desatender a imensa colaboração que vem junta com os procedimentos culturais, sociais, humanitários e comunitários.

Segundo Cunha (2006) afirma:

Todos os professores foram alunos de outros professores e viveram mediações de valores e práticas pedagógicas. Absorveram visões de mundo, concepções epistemológicas, posições políticas e experiências didáticas. Através delas foram se formando e organizando, de forma consciente ou não, seus esquemas cognitivos e afetivos, que acabam dando suporte para a sua futura docência. Portanto, podemos deduzir que a mudança de comportamento, não acontece por decreto, leva tempo e demanda investimento para que ocorram as desaprendizagens e mudanças de paradigmas, que por muito tempo foram reforçados (Cunha, 2006, p. 259).

O repasse de convivência e aprendizagem é marcado pela citação do autor, que é verdadeiramente extraordinário para o desenvolvimento integral da personalidade humana como receptor, o acompanhamento de hábitos que saibam com descrição e coerência de hábitos de leitura. Esses eixos, que podem ser usados sistematicamente por coordenadores e professores, produzem gratificante desenvolvimento no interesse pelo estudo, na melhoria da autoestima e na capacidade de administração.

Nesse sentido, “A experiência educativa é, pois, essa experiência inteligente, em que participa o pensamento, através do qual se vêm a perceber relações e continuidades antes não percebidas” (Dewey, 1973, p. 17).

Sendo isso, é possível fazer o reforço das experiências, dos novos paradigmas e a disponibilidade de cada um, onde a escola é consciente em abraçar para cumprir com o seu papel e a família também, e que todos executem com sabedoria e eficácia, construindo

juntos laços que fortificam ainda mais o envolvimento dessas sistematizações, determinando que a educação de qualidade não seja utopia, mas sim realidade.

Outro ponto muito importante, é a mudança de comportamento, em que o educador possa conhecer os processos cognitivos e afetivos, já que quaisquer produções de conhecimento dos professores que trabalham conseguem essa responsabilidade de investimento de didática, neste caso a leitura escrita deve ser de extrema contribuição para ambos, perceber as falhas envolvidas nas situações que a escola é encontrada.

Um fator que certamente tem que ser adotado é a visão e concepção de determinado âmbito em que se trabalha, que é muito presente e influente na interação aluno e escola, o contato do aluno com livros e cadernos, propõe-se um imenso respeito pela arte de aprender, gerando vários conceitos, mas que na finalização deve se obter os mesmos resultados, para que os mesmos se sintam à vontade, dando sempre prioridade aos indícios de ensino-aprendizagem.

Segundo Silva; Martins, et al., (2017) afirmam:

Trata-se de um grande desafio para a qualidade da educação, que se torna ainda mais complexa pelo fato de a escola ser constituída por indivíduos diversos, com olhares diferentes, que tiveram formações diferentes, e que são oriundos de contextos distintos (Silva; Martins, et al, 2017, p. 130).

Na escola, os alunos recebem informações úteis à sua vida, as crianças muitas vezes se encontram na instituição, é preciso conscientizar a diversidade de pessoas com o contexto citado acima, podemos considerar que essas contextualizações não estão alinhadas as escolas, mas quando a referência é qualidade é necessária uma amplitude.

Porém, uma orientação de forma responsável e séria é sem dúvida o melhor elo estabelecido para ajudar na constituição dos indivíduos diversos como, por exemplo: ser sabedor que os primeiros passos do fundamental é conhecer as letras, em seguida as sílabas. A ação da escola pode ser decisiva, não só pela possibilidade de transmitir informações aos seus alunos, mas certamente, por oferecer condições saudáveis de convivência e integração.

Neste caso, a palavra desafio citada pelo autor, resplandece muitos significados, entre quais estão está explicitada acima, é nítido que os fatos mais diversos são encontros.

A discussão em sala de aula é outro ponto que deve ser retratado, linguagens e símbolos, são aprendizagens que é mais vulnerável que deslanche da teoria e venha à praticidade, isto é, são muitos procedimentos, que é melhor ser reinventado, se

articulando em um vínculo de conhecimento, sendo que alunos e professores poderão transformar em um laço de afetividade, facilitando uma troca de conhecimentos, entrelaçando que “as diversas experiências de educação Integral têm em comum, tanto uma dimensão quantitativa mais tempo na escola e no entorno quanto uma dimensão qualitativa” (Gadotti, 2009, p. 32).

A compreensão da educação integral não se resume apenas em tempo, o professor torna-se um mediador para essa educação no processo de transmissão e alfabetização, sem instigar o pensamento crítico e reflexivo, para que esse indivíduo venha a ser um receptor de informações ativa, sendo necessária nesse processo de socialização, a familiarização entre escola. Professores e alunos são fatores de suma importância para combater desigualdades e dificuldades criadas dentro do próprio sistema, podemos referir que inúmeros pontos que partem dessa relevância, dentro e fora da escola.

Segundo Soares (2000) afirma:

O aluno proveniente das classes dominadas nela encontra padrões culturais que não são seus e que são apresentados como “certos”, enquanto os seus próprios padrões são ignorados como inexistentes, ou desprezados como “errados” (Soares, 2000, p. 15).

Nesta condição, o aluno que não assume sua responsabilidade, no seu rendimento escolar, pode enfrentar uma educação retrógrada e congelada, encontrando argumentos que seja o principal culpado da reprovação ou de algum modo de dificuldade, o que transfere muitas vezes a total responsabilidade pelo fracasso desse aluno, para o ambiente escolar, se bem que, a família e escola precisam caminhar juntas.

No mundo de hoje, mais do que nunca a escola precisa se atualizar cada vez mais, junto com os educadores e família, para que seja preenchido esse vazio existente no planejamento pedagógico. Toda escola tem projetos para seus alunos; o ideal seria que a primeira socialização, que ocorre no lar, ocorresse ao ponto de referência e de apoio da segunda socialização, que é na escola.

Os pais podem ter necessidades de acompanhar mais de perto o que acontece com seus filhos na escola, mas nem de todos tem essa mentalidade de autoajuda, até mesmo a luta do dia a dia na educação, com o contato possibilitado para a interação e fortalecimento do processo de ensino.

A cultura de alguns meios, podem de alguma forma influenciar direta ou indiretamente a interação do aluno com o ambiente, tudo isso pela tradicional

metodologia aplicada, o autor chega a comparar como “certos e errados”, ou melhor, padrões, que entretendo a variedade de qualquer que seja, aprende-se respeito e tolerância e o apressamento por aprender.

O autor Rogers (1973) diz que fazer uma aula interessante é uma ótica individual. Subentendesse que o desafio de alfabetizar e de aprender é existente em longo processo, mais em relação ao fundamental menor tem uma frequência sempre mais presente, considerar um ser alfabetizado não é apenas soletrar, mas sim compreender, com efeito, as estratégias de ensino devem ser trabalhadas de modo criativo e contemporâneo, a família e a escola devem estar na mesma sintonia.

Quando a escola compartilha suas estratégias, seus valores e os mecanismos de intervenção e reparação tornam-se um exemplo para a escola de como agir.

Segundo Guisso (2017) afirma:

A escola tem uma importante função social que se refere à garantia da apropriação, pelos estudantes, do conhecimento historicamente produzido, favorecendo o processo de humanização e a construção da cidadania (Guisso, 2017, p. 11).

Na escola, surgem as mais variadas funções que sustentam o social, é realidade que o conhecimento tem uma grande objetividade nesta tarefa, isso é visivelmente, o aluno vivenciando seu dia a dia na escola com seus equivalentes métodos, é o pensamento humano efetivo- social- econômico, mais bem-sucedido e sustentável que já existiu em toda a humanidade, que permanecerá enquanto houver.

Entretanto, mecanismos escolares possuem também parcialmente, a responsabilidade por uma série de eixos ligados a prática do ato da leitura, o processo de humanização são exemplos consistentes do momento em que a educação atua, no geral analisaremos que essas ações que sempre irão existir independentemente da etapa de ensino, padrão ou localização, a educação nada mais é, que uma planície de imperfeições, diferenças e até mesmo indiferenças que eclodem no pensamento humano, abrindo uma vale de discussões e divergências incalculáveis, habilitando o ser humano cada vez mais a descobrir novos caminhos para uma educação mais presente.

Não é novidade que o saber repassado é sempre o essencial da escola, vai aparecendo muitas conduções que venham inflamar a construção da aprendizagem, mas cabe a todos possuir o espírito crítico, e almejarmos o avanço. Neste contexto, é importante exaltar que todas essas situações que se assemelham como base do início da

carreira de aprendiz são contributivas, encontramos nas escolas o quanto são comuns, e também fora delas, ou melhor, todos passam por uma única realidade na sistematização e escolarização dos discentes.

Segundo Soares (1998) afirma:

O indivíduo alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita (Soares, 1998, p. 39).

O autor relata e interpreta as diferenças de leitura e escrita, a mesma que possuem significâncias muito distintas, as quais possuem altas demandas, sendo assim ele procura conceituar uma abordagem, para catalogar como a escala do educando se constrói, com isso, todo ser humano tem suas peculiaridades e por estas razões é chamado no quadro de novos conceitos, que podem ser descobertos a solução para inúmeras perguntas.

Na escola, a responsabilidade pelos desafios de nossas crianças e adolescentes, é legalmente e moralmente sustentada por dois atos basicamente que é o alfabetizado e letrado.

Ambas duas, estão ligadas ao fundamentalismo das boas condutas, como famílias e educadores, que a educação escolar tem como objetivo no ensino fundamental, a formação básica do cidadão. O fortalecimento dos vínculos da família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social, isso é regido como legislação, sento também exemplo de letramento.

Com essa perspectiva, a alfabetização e ensino na escola ombrear-se que “Só há uma ciência a ensinar às crianças, que é a dos deveres do homem [...] pois trata-se menos, para ele, de instruir do que de dirigir. Ele não deve dar preceitos, e sim fazer com que eles sejam encontrados” (Rousseau, 1995, p. 29).

O interesse de encontrar o melhor na vida escolar dos discentes, sobretudo nos primeiros anos do ensino fundamental, é destacado como estratégia importante de apoio a aprendizagem, fortalecendo um avanço cada vez mais significativo de instruir e preceder.

A razão do autor, é que alunos não sejam meros alfabetizados de uma importância em um sentido comum, mas sim cidadão letrado, capazes de interpretar e opinar, principalmente voltada para enfrentá-la uma sociedade muito crítica e cheia de contestações, por essas e outras razões o campo de estudo oferece um leque de opções a ser estudado e trabalhado, pois as mesmas nos dão historicamente uma luta pelo

progresso local, mostrando que inteligências também fazem parte de qualquer estância, para valorização e customização de uma identidade bem mais intelectual.

Assim, volta-se para a caminhada de desenvolvimento de atividades somatórias; pois é sabido que exercitar habilidades com complexidade, é muito trabalhoso, pois seguindo o pensamento de Campos (2015) que não é correto culpar os discentes pela dificuldade de aprendizagem, pois primeiramente é necessário relatar e identificar características pedagógicas para tal situação.

Podemos observar, a citação do autor deixando explícita a junção de culpa e desempenho, a participação de ambas na escola é uma função de responsabilidade, mas torna-se hoje um desafio diante das alterações estruturais que a escola vem passando. Alguns alunos se esforçam na medida do possível, porém estão ainda se incluindo do domínio escolar que todos almejam, tornando-se complexa a integração da comunidade na escola.

Os dois fatores que todo centro escolar procurar atingir, com os benefícios positivos, trabalhando de forma continuada, sempre trazendo para a realidade de cada um, os mecanismos pedagógicos são armas para uma resolução de desenvolver uma ação mais produtiva, isso se torna um ponto muito árduo, por esses e outros eixos que a reformulação didática é muito importante.

Outro fator muito espontâneo é a capacitação dinamizada, ou seja, a criatividade e a inovação de dinâmicas, usufruindo de múltiplos materiais educativos, os alunados podem se sentir mais à vontade, perdendo a vergonha e o constrangimento, até porque estamos lidando com pessoas com pouca interação diária, principalmente no coletivo, as quais deveram entender a necessidade de cada um; o professor sempre se impõe a favor das diferenças existentes.

Ler o mundo não é apenas saber o que nos está rodeando, mas principalmente ser um sujeito capaz de assimilar à compreensão de tudo aquilo que se trata, pois, o aluno tende ser cada vez mais encorajador e querer ir além do que já é, mesmo tendo um mundo tão diferente no que se ver na maioria dos livros didáticos, o mesmo ao longo do tempo é um crítico leitor para vida, expondo seus desejos e suas percepções que se afloram com o um avanço de dominar a base do ensino.

Contudo, Piaget (2011) expõe que se adeque uma ação de educar diferente, modificando a educação tradicional, que até tempos atrás que os discentes era apenas um depósito de conhecimento, aguardando alguém preencher o conhecimento.

A educação sempre será reinventada, as perguntas de como alunos e professores chegam a um determinado momento de vivência e resultado, o aluno em busca de uma leitura de boa qualidade é uma virtude muito esperançosa, em que assimila-se que o mesmo acaba levando e carregando culpas que são vindouras de outros indivíduos, tudo que é atingido no sistema atual da educação é ligado a uma ação externa da pedagogia praticada, estudos e maneira eficazes é uma necessidade importante, o entretenimento de concepções mais francas de assumir o erro e corrigi-lo para melhor solucionar.

Segundo Fernandes, Santos, et al., (2008), afirmam:

O letramento é condição para se efetivar a metodologia do aprender a aprender. O aluno que aprende a aprender é aquele que é leitor. O leitor que aprende a aprender é aquele que primeiro domina a técnica de leitura. Tem diante do texto uma posição de aprendizagem e de pesquisador. Em síntese, torna-se efetivamente protagonista e o ator principal de seu mundo (Fernandes; Santos, et al., 2008, p. 80).

Autores acima expandem conhecimentos metodológicos de aprender, ou melhor, dividem ideias, em relação à ampliação de conhecimentos, a objetividade dos estudos, todas essas abrangentes estão relacionadas diretamente a dominação dos conhecimentos, visto isso, é muito certo afirmarmos que formar leitores é um técnica efetiva, é muito importante também o trabalho de explanação da objetividade que está interligado ao rendimento escolar, seja ela nas escolas ou até mesmo foras dela, alimentando uma gama de informações necessárias, que sempre vem somar com o lento processo de aprendizagem..

O intuito de ensinar a leitura, é uma questão bastante complexa para crianças em construção, a consideração de ler vai muito além que decifrar códigos e símbolos, é uma circunstância de implicância muito presente, seja ela qual relevância for, sempre está lá desafiando todos, seja professores, coordenadores, alunos e até mesmo chegando na família, pois desse modo, todo mantém-se refém de uma parede tarefa e recheada de compromisso, sendo que há anos prevalece nesse sistema de letramento.

A contribuição da educação teórica sempre terá um respaldo, pois é nela que se transforma a prática, podemos dizer que professores e alunos englobam as sínteses juntos neste campo de ensino, o educador observa sua teoria pra transmitir na prática aquilo que se mantém em meta, é de extrema certeza que com o engajamento de todos será atingida, independentemente das razões a quais vivem, outrora nelas que estão sendo preenchidos,

pois é assim que a educação acompanha a evolução da sociedade em meio a tantos crescimentos desacelerados, em um espaço tão diverso.

É dessas maneiras que um bom desempenho visa a lida dos docentes e discentes, reforçando que o encorajamento de um ser aprendiz a se trabalhar, o que gera mais avanços aos alunos, conseqüentemente os mesmos perderão certas incertezas, seja ela visual e discursiva, isso são pequenos pontos que influem grandes ideias, que muito se transforma.

A conversa é uma ação indispensável na exploração de conhecer, assim de acordo com (Nascimento; Brait, 2016, p.153) “Ampliando, por meio do diálogo, o repertório lingüístico, discursivo e comunicacional do sujeito, de forma a amenizar o sofrimento, e não apenas fazer as correções pontuais e, muitas vezes, inócuas”.

A colocação do autor bem consistente, volta-se para a comunicação e preparação da escola em abraçar a formação existente dos alunos, é viável que combater e amenizar o que se enfrenta é ser responsável, assim também quanto a ampliação coordenada com a clientela, que se obtém o mais conforto na relação com os professores, que taticamente gera articulações muito somatória na garantia da interação

Nas mais diversas modalidades de ensino são existentes as iniciativas primárias, seja qual for, é muito importante que as escolas juntamente com seus educadores consigam executar o melhor possível, e quando não se possui essa mesma, se tornar uma educação ultrapassada, sem qualquer mecanismo teórico que venha influenciar positivamente nos resultados, a distribuição de recursos pedagógicos é essencial.

Essa essencialidade, também se volta a criança como aluno, até mesmo como ser humano adquiriu seus conhecimentos do senso comum, como na customização do ambiente em que vive, tornando sua rotina uma prática regularmente produtiva, sendo que assim começa a montar sua percepção do mundo.

A cultura que aprendemos desde os primeiros passos, são muito importante na reconstrução dos conhecimentos pedagógicos que vem a somar nos saberes dos seres viventes de uma sociedade tão ampla e distinta, as verdadeira razões e reflexões da vida estará sempre embasadas no processo histórico cultural e simultaneamente com o resto do mundo, as explicações e respostas que todos procuram nunca vem à toa, mais sim com uma reflexão imprescindível, mediante a tantas perguntas e argumento que se investiga a partir do caráter introdutório que se buscar compreender o consciente, é uma realidade nada incomum, mas profundas diferenças sempre custa um preço maior.

Realmente as escolas que caracterizam o cenário de hoje, carregam consigo uma consciência de percepção e mentalidade com sua própria clientela de atendimento, o que cada vez mais pode atingir a lida desses alunos que precisam de atenção redobrada, ou até mesmo que possuem algum distúrbio ou dificuldade específica de aprendizagem, sem esse privilégio interno o sistema pode haver mudanças cada vez mais, sempre promovendo melhorias na elaboração dessa jornada.

Segundo Silva e Silva (2012) citam:

Frente a este desafio os professores devem em primeiro lugar construir as concepções críticas sobre o que se quer analisar diante de um determinado texto com a premissa de não prejudicar ou desestimular aquele aluno que, com muito esforço conseguiu pôr suas palavras no papel (Silva; Silva, 2012, p.1).

O autor cita uma crítica construtiva em relação a análise das premissas de correções textuais dos alunos, o que muito é comum, podendo ser prejudicial. São esses educadores como mediadores em sala de aula, que é estimado a estimular com determinadas ações, possuindo apenas instruções básicas, a colocação acima é uma pequena comparação dos desafios que os professores constroem suas concepções.

Agora se imaginarmos os desafios dos professores, como esses profissionais oferecem habilidades espontâneas de repassar as devidas tarefas, é bem fácil montarmos o nível de educação que talvez é repassado em sala de aula para os alunados, são muito comuns esses conceitos de maneiras metodológica nos planos desses educadores.

Sem falarmos que a pedagogia é a principal aliada ao ensino, e mais ainda que a característica de entrada desses profissionais que trabalham com essa escolarização, podemos aí explanar e lembrar-se dos mais diversos esforços que os atuantes fluem, sendo qual for, as ramificações da educação que dominam a valorização do trabalho em sala de aula, ou seja, muitos possuem apenas o básico de instruções, repensamos muito além das situações que imaginamos.

Por finalizar a pauta sobre a citação, temos uma dura crítica a posição dos educadores na orientação em sala de aula, sentir o que realmente subtrai o educador nas mais diversas pluralidades e diferenciadas áreas de campo de conhecimento, como se a forma de ensinar fosse padronizada; que fundamentalmente é muito pelo contrário.

Segundo Mazzarotto (2015) afirma:

No que concerne aos efeitos sobre a criança, os familiares relataram reações como baixa autoestima, cansaço, perda de interesse,

desesperança, estresse, nervosismo, preocupação, incapacidade, medo e constrangimento (Mazzarotto, 2015, p. 96).

Os ensinamentos voltados para a pedagogia tradicional podem causar os efeitos que o autor afirma, como: conteúdos desatualizados e vencidos, isso pode causar muito na construção desse ensino estrutural, relações como o famoso “Decoreba”, a memorização por momento de conteúdo, que é sinônimo no atraso da construção pedagógica dos alunos.

A narração do professor é sugestionada de forma espontânea e introdutória, formando uma cadeia de aprendizagem de transformação e invenção de valores, baseando na realidade de hoje, tendo uma lógica de ensino mais aprimorada e implantada desta forma contemporânea caracterizando uma educação mais inovadora e criativa vinculada justamente com os dias de hoje.

Neste sentido, a didática sempre deve se partir do professor, pois cabe o aluno captar essas informações recheadas de identidade. O induzimento de ministrar esse ensino evolutivo e a compreensão do mundo atual cabe ser sistematizada pelo professor, pois é nela que se aprende vivenciar essa sociedade tão corriqueira de hoje, mesmo sendo em comunidades distanciadas das grandes cidades, que de qualquer maneira dificulta o acesso os mesmos.

O aluno geralmente não se prende em qualquer localização, seja ela maléfica ou benéfica, é com esse sentido que os coordenadores e educadores devem aplicar seus conhecimentos, e até melhor desenvolver o indivíduo para enfrentar uma realidade que pode ser vindoura dessa rápida transformação na vida da clientela escolar, portanto esses precedentes são unicamente as chances de se aprender a lidar futuramente com as novas tecnologias, e avanços da contemporaneidade posteriormente.

O educador de certa forma “ensina pouco, mas observa muito; além do mais, sua função consiste em dirigir as atividades psíquicas das crianças bem como o seu desenvolvimento fisiológico” (Montessori, 1965, p. 156).

A nova pedagogia que na teoria surgiu há anos atrás, mais que na prática ainda é muito retardada, a mesma que consegue estipular a observação que o professor pratica, que também é confundida e até mesmo passada despercebida pedagogicamente do professor, é uma perda lamentável, pois ela fere a avaliação diagnóstica, é um assunto que é realizado na escola, e influencia a trajetória escolar, assim como também a presença da família.

Neste contexto Portes (2006) cita:

Denomino trabalho escolar das famílias a todas as ações (ocasionais ou precariamente organizadas) empreendidas pela família, no sentido de assegurar a entrada e a permanência do filho no interior do sistema escolar, de modo a influenciar sua trajetória escolar, possibilitando-lhe alcançar gradativamente os níveis mais altos de escolaridade [...] (Portes, 2006, p. 228).

Com a posição do autor, podemos repensar a educação como asseguarção da família, isto é, um fator realista que podemos catalogar na trajetória escolar, organizar a estrutura da permanência de alunos ativos não é fácil, a caminhada desta aprendizagem que paulatinamente muda é desanimadora, os alunos passam de ano, assim também é dever que corresponda com o nível de escolaridade, o que pode expor ainda mais aquele professor que vai lidar com o aluno na turma em diante.

Falando em família, seria muito gratificante que os alunos sejam motivados pelos mesmos, chegando a outros níveis com uma leitura adequada, ou seja, um ensino totalmente possibilitado e lucrativo, sendo que aí se refere ao conhecimento razoável, sé de imaginar a grande importância de aprendizagem voltada para a autoestima do indivíduo, escrita e interpretação de texto, nos dará números gritantes de abundância de saber. Se o discente pouco ler é bem óbvio que terá um baixo desempenho, independentemente de qualquer circunstância que vivência seja em casa ou na escola.

No fim da citação, o pensador volta para área da família, que nada mais é grande base pilar do aprendiz, ao afirmarmos que os pais possuem um papel de suma importância, e que os mesmo tenham consciência desse fato, que também não deixem a desejar o ensino dos próprios filhos, é necessário que eles incentivem seus filhos, se tornando uma grande contribuinte para o desenvolvimento escolar, a família é muito importante neste processo, pois é dever dela e do estado oferecer essa educação, respeito e condutas morais, que são amparados pela constituição federal.

O que o autor repassa, é o medo que a educação das crianças se torne uma situação agravante e sem qualquer método apresentado pelo corpo docente da escola, não tornando um celeiro em que todos têm culpa, e ninguém confessa sua contribuição para o aumento desse obstáculo. É implantando que se chega, e sendo diferente que se transforma, não importa onde e nem com quem, a proposta de caminhar para frente é sempre lançada, apoiada e concretizada.

Basniak (2016) salienta que:

[...] as formações continuadas propostas normalmente se resumem a cursos esporádicos, sem continuidade, realizadas de forma a passar receitas prontas, que nem sempre condizem com o trabalho do professor em sala de aula, não se constituindo espaço de debates e discussões (Basniak, 2016, p. 67).

As atividades da leitura e escrita são cruciais na escola, são de onde vêm os avanços educacionais e as necessidades que podemos encontrar, os símbolos da aprendizagem que são interpretados como corrente de libertação, realizam funções pedagógicas na construção de uma boa leitura e escrita, fazendo uma jogada de mestre, que sem dúvidas é útil. A escola muitas vezes não sabe conduzir certas situações. Pode haver um desafio muito grande, pela falta de comunicação entre ambas causando certa impotência em lidar com os problemas.

Hoje em dia, a educação já se transformou e vem passando por uma constante mudança, mas precisa ainda mais de retoques e engajamentos de muitos ângulos, o crescimento social está se tornando um discurso de expandir os estímulos para as crianças que vem sendo alfabetizada, a preferência por livros pode ser uma porta para os alunos que tendem a crescer com bons hábitos escolares, seja ele qual for, é uma extensão de grande magnitude.

Pode-se dizer seriamente que; leituras e escrita os dois alvos da escola como uma geradora de processos educativos, e que cada vez mais se renova com o passar da época, mas que de maneira alguma perdem o foco, a qual sempre vai estar ali inclusa nas práxis pedagógicas, as mesmas precisam ser cada vez mais densas e reais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso, esta pesquisa buscou investigar os processos de leitura e escrita, sendo que, identificando as necessidades nas atividades educativas, para a aquisição da leitura e da escrita; descrevendo como os alunos se relacionam com as metodologias vinculadas e aplicadas na prática de leitura e explicando a importância da leitura e da escrita, para o contexto sócio educacional dos alunos no contexto escolar

Assim sendo, mesmo sendo uma revisão bibliográfica a pesquisa alcançou uma discussão com profundidade significativa, dando a compreender que essa temática apesar de ser muito debatida, ainda há muito que se entender, tanto como fator escolar quanto na formação humanizada do discente.

Por fim, toda pesquisa não se considera acabada ou se resume a uma verdade absoluta, sendo assim, é necessário que haja mais estudos a respeito desse objeto, para se conseguir compreender as diferentes concepções e entendimentos acerca da leitura e escrita.

REFERÊNCIAS

- BASNIAK, Maria Ivete. **O PIBID e a formação continuada de professores de matemática**. In: CAMARGO SILVA, Sandra Salete de; STENTZLER, Márcia Marlene. Iniciação à docência PIBID e a formação de professores pelos campi da Unespar: União da Vitória. Curitiba, PR: Íthala, 2016.
- CAMPOS, Flávia Roberta Velasco Campos. **O terceiro ano do ciclo de alfabetização no Ensino Fundamental de Nove Anos: O que dizem Alunos e Professores**. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2015.
- CUNHA, Maria Isabel da. **Docência na universidade, cultura e avaliação institucional: saberes silenciados em questão**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 258-371, maio/ago. 2006.
- DEWEY, John. **Vida e Educação**. 8.ed. Tradução ANÍSIO S. TEIXEIRA. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1973.
- FERNANDES, Denise F. Cicaroni; SANTOS, Marcos A. Paladini dos; BURIN, Alessandra C. Hernandes. **A questão do letramento na universidade: algumas reflexões e desafios**. Revista de Ciências Gerenciais, Valinhos, SP, v. 12, n. 15, p. 75-84, 2008.
- GADOTTI, Moacir. **Educação Integral no Brasil: inovações em processo**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.
- GUISSO, Luciane. **Desafios no processo de escolarização: sentidos atribuídos por professores dos anos iniciais do ensino fundamental**. 2017. 174 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Psicologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.
- MAZZAROTTO, I.H.E.K. **Encaminhamento de crianças com queixas de leitura e escrita: posição dos familiares**. 118p. Dissertação (Distúrbios da Comunicação) - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2015.
- MONTESSORI, M. **Pedagogia Científica: a descoberta da criança**. São Paulo. Flamboyant, 1965. 309 p.

NASCIMENTO, V.; BRAIT, B; **Reflexões dialógicas sobre a clínica da linguagem.** In: MONTENEGRO, A. C. A; BARROS, I. B. R; AZEVEDO, N. P. S. G. (Orgs.). Fonoaudiologia e linguística teoria e prática. Curitiba, Appris, 2016. p.139- 155.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de Piaget.** Tradução: Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 25ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

PORTES, Écio Antônio. **Algumas dimensões culturais da trajetória de estudantes pobres no ensino superior público:** o caso da UFMG. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, DF, v. 87, n. 216, p. 220-235, maio/ago. 2006.

ROGERS, C.R. **Liberdade para Aprender.** 2.ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1973.

ROUSSEAU, J.J. **Emílio ou Da Educação.** São Paulo: Martin Fontes, 1995.

SILVA, Deborah Breda da; MARTINS, Silvana Neumann; DIESEL, Aline; CASTOLDI, Natanael Pedro. **A formação de professores para a gestão escolar:** diversos olhares. Revista Signos, Lajeado/RS, n. 1, p. 129-142, 2017.

SILVA, Súsie Fernandes Santos; SILVA, Rubens Martins da. **O papel do professor na correção das produções dos alunos.** Meu artigo [Online], p. 1-3, 2012.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola:** uma perspectiva social. 17. ed. São Paulo: Ática, 2000.

_____. **Alfabetização e letramento.** São Paulo: Contexto, 1998.

Capítulo 2
CORPOVIVÊNCIAS DE ESTUDANTES DE INGLÊS DE UM
INSTITUTO FEDERAL SOBRE bell hooks
Ricardo Regis de Almeida



CORPOVIVÊNCIAS DE ESTUDANTES DE INGLÊS DE UM INSTITUTO FEDERAL SOBRE bell hooks¹

Ricardo Regis de Almeida

Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG), mestre em Educação, Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) e graduado em Letras: Português e Inglês também pela UEG. Professor EBTB de Língua Inglesa no Instituto Federal do Pará, coordenador do Centro de Idiomas do campus em que atua e vice-líder do Grupo Multidisciplinar de Pesquisas e Estudos Decoloniais de Raça e Gênero, e-mail: ricardo.almeida@ifpa.edu.br

RESUMO

Ao longo do primeiro semestre do ano letivo de 2023, articulei com as turmas de segunda série dos cursos técnicos de Agroecologia e de Meio Ambiente Integrados ao Ensino Médio de um Instituto Federal localizado no Oeste do Pará para que mantivessem diários reflexivos sobre as aulas de inglês como parte do processo avaliativo da disciplina de Língua Inglesa II. Neste capítulo, discuto de que maneiras as corpovivências compartilhadas pelas alunas em seus diários sobre as aulas de língua inglesa em que aprendemos com a vida e obra de bell hooks apontam para horizontes decoloniais. Com vistas a lançar olhares outros para o que coconstruímos nessas aulas, busco respaldo em discussões praxiológicas realizadas por autoras/es inseridas/os na seara do pensamento decolonial (Ballestrin, 2013; Menezes de Souza; Martinez; Diniz de Figueiredo, 2019; Núñez; Oliveira; Lago, 2021; Quijano 2005), bem como no conceito de corpovivências, o qual defendi em minha tese de doutorado (Almeida, 2023). Ao que tenho percebido nas aulas e com base nos relatos das/os estudantes em suas notas reflexivas, as quais já foram lidas, comentadas e devolvidas por mim no final do primeiro semestre (2023.01), a escrita dos diários tem contribuído para a ampliação de seus repertórios em língua inglesa e, principalmente, auxiliado na percepção de que a(s) língua(gen)s não servem apenas para propósitos comunicativos, mas possuem vieses políticos, sociais, culturais, hierarquizantes, excludentes e, sobretudo, responsáveis pela

¹ Texto previamente publicado nos Anais do XIX Encontro de Formação de Professoras/es de Línguas (ENFOPLE) sob o título “Now I see her as a goddess”: corpovivências de estudantes de um Instituto Federal do Pará nas aulas de inglês sobre bell hooks.

racialização e exclusão de determinados corpos (negros, indígenas, homossexuais, gordos etc.) em contexto colonial. Por outro lado, como uma das alunas esperança (do verbo esperar) em seus escritos e que compartilho aqui, “agora que sabemos disso, é possível transformar a nossa língua[gem]”.

Palavras-chave: Decolonialidade. Corpovivências. Língua Inglesa. Diário reflexivo.

ABSTRACT

Throughout the first semester of 2023, I worked with second-year classes in the technical courses of Agroecology and Environment Integrated with High School at a Federal Institute located in Western Pará, encouraging them to keep reflective journals about their English classes as part of the evaluative process for the English Language II course. In this book chapter, I discuss the ways in which the *corpovivências* shared by the students in their journals about the English classes we learned from the life and work of bell hooks point to decolonial horizons. In order to cast an otherwise perspective on what we co-constructed in these classes, I draw on praxiological discussions by authors engaged in decolonial thought (Ballestrin, 2013; Menezes de Souza; Martinez; Diniz de Figueiredo, 2019; Núñez; Oliveira; Lago, 2021; Quijano 2005), as well as on the concept of *corpovivências*, which I defended in my doctoral thesis (Almeida, 2023). Based on my observations in the classes and the students’ reflective notes, which have already been read, commented on, and returned by me at the end of the first semester (2023.01), the writing of the journals has contributed to expanding their repertoire(s) in the English language and, more importantly, has helped them perceive that language(s) serve not only communicative purposes but also have political, social, cultural, hierarchical, and exclusionary biases. These biases are responsible for the racialization and exclusion of certain bodies (black, indigenous, homosexual, overweight, etc.) in a colonial context. On the other hand, as a student wrote in her journal, “now that we know this, it is possible to transform our language.”

Keywords: Decoloniality. *Corpovivências*. English Language. Reflective journal.

INTRODUÇÃO

O ano de 2023 iniciou repleto de desafios para mim – finalização da escrita da tese de doutorado, início da minha trajetória docente como professor efetivo em um Instituto Federal, mudança de estado, cidade, casa e o distanciamento de pessoas queridas do meu convívio social. Por outro lado, tive a oportunidade de conhecer colegas docentes engajadas/os na luta contra as colonialidades, cito aqui a Professora Dra. Priscilla Bezerra,

bem como alunas/os dispostas/os a colaborar na construção política do currículo da disciplina de Língua Inglesa II.

No primeiro dia de aula, por exemplo, propus para as turmas de segunda série dos cursos técnicos de Agroecologia e de Meio Ambiente Integrados ao Ensino Médio que mantivessem um diário reflexivo sobre as aulas de inglês. Expliquei o passo-a-passo para o registro das atividades e dei exemplos de como poderiam fazer em seus diários. Alguns critérios avaliativos foram estabelecidos: os diários deveriam ser exclusivamente para a disciplina, os registros deveriam ser feitos em inglês e, principalmente, as/os alunas/os precisavam escrever o que sentiam, des/re/aprendiam, necessitavam nas aulas de inglês. Em outras palavras, a proposta dos diários reflexivos (*Reflective Journals*) girava em torno dos anseios e das conquistas das/os aprendizes, e não de relatórios do que era apresentado nas aulas.

Este estudo tem como foco a análise das experiências compartilhadas por quatro estudantes do curso técnico de Meio Ambiente Integrado ao Ensino Médio (2ª série), registradas em seus diários reflexivos, ao longo de dezoito aulas em que aprenderam com a vida e obras de bell hooks. Nessa ótica, o objetivo principal deste texto é identificar em que medida as *corpovivências* registradas pelas alunas em seus diários reflexivos apontam para possíveis horizontes decoloniais nas aulas de língua inglesa.

O capítulo está organizado da seguinte forma: início mobilizando as praxiologias acadêmicas que inspiraram o estudo; em seguida, apresento o percurso didático feito durante as aulas de inglês em que discutimos a vida e duas das obras de bell hooks; logo após, discuto as notas das aprendizes presentes em seus diários reflexivos; e, por fim, entreteço as praxiologias acadêmicas àquelas realizadas pelas aprendizes na intenção de compreender se e em que medida as nossas aulas de língua inglesa foram capazes de combater colonialidades, apontando, assim, para possíveis horizontes decoloniais.

PRAXIOLOGIAS ACADÊMICAS

O binarismo corpo x espírito está presente na maior parte das nossas avaliações sobre o mundo, embora quase sempre isso ocorra de modo irrefletido. O sociólogo brasileiro Jessé Souza (2021, p. 72), por exemplo, argumenta que “tudo o que associamos ao que é superior e nobre irá se referir ao espírito, ao passo que tudo que é inferior e considerado vulgar será associado ao corpo”. Como o estudioso assevera, essas categorias

não são universais e estão intimamente ligadas ao desenvolvimento histórico do Ocidente. Prova disso, nos diz ele, é o que ocorre na Índia, lugar em que a oposição moral se dá entre puro e impuro.

Nessa seara, a noção de corpo como lugar de inferioridade e banalização é construída ao longo dos séculos no ocidente e tomada como natural, necessária e universal, principalmente por instituições como a família, a escola e a igreja (Souza, 2011). Ao situar esses estigmas em contexto colonial, é possível perceber de que maneiras o corpo passa a ser o critério de distinção entre o que pode ser considerado humano e não-humano. Será essa hierarquização, possível somente por meio da noção de racialização dos corpos, que ditará todos os outros binarismos que conhecemos. Fruto das violências coloniais, os corpos não-brancos, não-heterossexuais e não-monogâmicos passam a sofrer as consequências mais cruéis desse sistema de dominação, na medida em que “assim como o agronegócio explora, exaure e esgota a terra, também o capitalismo, o racismo, a transfobia e as demais violências exploram nosso corpo-território” (Núñez; Oliveira; Lago, 2021, p. 86).

Com vistas a denunciar e, em alguma medida, ressignificar a concepção de corpo como lugar de exploração, hierarquizações e violências, propus a noção de *corpovivências* em minha tese de doutorado (Almeida, 2023). Conforme argumento em meu trabalho, a noção de corpo que prevalece em Abya Yala desde o final do século XV atua na “legitimidade racial, linguística, epistemológica e ontológica do homem branco, heterossexual, patriarcal, europeu e cristão como representação única e necessária do sujeito moderno” (Almeida, 2023, p. 20). Ante o exposto, defendo a reinserção de corpos não-brancos, antipatriarcais, antirracistas, anticapitalistas e antiheteronormativos como aspecto elementar na identificação, questionamento e interrupção (Menezes de Souza; Martinez; Diniz de Figueiredo, 2019) dos mais diversos prejuízos (econômicos, raciais, ontoepistemológicos, históricos etc.) provocados pela colonização e seus resquícios sentidos e vivenciados até hoje por meio da colonialidade.

Sobre este último termo, o sociólogo peruano Aníbal Quijano (2005) o compreende como a forma de dominação mundial nos dias atuais, uma vez que o colonialismo como ordem política foi superado com a independência das colônias, porém, como nos recorda Ballestrin (2013, p. 99), “as relações de colonialidade nas esferas econômica e política não findaram com a destruição do colonialismo”. Nessa direção, faz-se mister compreender a colonialidade como um construto ubíquo, estando presente nos nossos modos de ser,

sentir e conhecer o mundo e a nós mesmos/as. Como argumento alhures, “a colonialidade é perversa, embora sentida/vivida/sabida de modos distintos pelos povos colonizados” (Almeida, 2023, p. 21).

Reiterando o que alego na tese, a concepção de corpovivências não surge no vácuo, sendo esta uma proposta profundamente afetada pelo construto de *escrevivências*, de Conceição Evaristo. Em consonância com o pensamento da escritora, compreendo que as nossas vivências são sempre atravessadas pelas de outrem, as quais passam a conferir sentido à nossa própria existência. Para Evaristo (2017), a escrevivência representa a força motriz de suas ancestrais negras escravizadas, sendo estas mulheres responsáveis por uma cultura de oralidade capaz de inundar e transformar o papel da escrita com suas histórias de resistência e reexistência à colonialidade e suas múltiplas dimensões. As *corpoescrevivências* de bell hooks, a meu ver, trazem em seu bojo um existir decolonial necessário nas aulas de língua inglesa. É a partir desse amálgama praxiológico, no qual teoria, corpo, escrita e vivência se confundem, que propus a escrita de diários reflexivos nas aulas de língua inglesa – como uma possibilidade real e fértil no combate às colonialidades e na construção de horizontes decoloniais.

CONSTRUINDO O ESTUDO

Pensar um estudo como este é, com efeito, mexer com as estruturas coloniais. No intuito de empregar uma metodologia outra, argumento que um dos pressupostos utilizados para a construção deste trabalho parte de uma sensibilidade profunda “às demandas dos corpos colonizados, que estão dentro das zonas do ‘não ser’ da modernidade, e, ao assumir esse lugar epistemológico, se propõem a elaborar um caminho, conforme cada pesquisa, para decolonizar esses corpos e suas realidades” (Dulci; Malheiros, 2021, p. 177, grifos no original).

Nessa linha de raciocínio, torna-se inviável pensar uma metodologia de pesquisa que ignore os anseios das/os agentes de nossos estudos, isto é, para decolonizar qualquer conhecimento dito científico e universal, é preciso escutar e acolher saberes outros. Esse caminho, a meu ver, pode contribuir para “uma construção coletiva do conhecimento, na qual os pesquisadores devem estar predispostos a desaprender e a reaprender” (Dulci; Malheiros, 2021, p. 180).

Na tentativa de coconstruir saberes e repensar a sala de aula de língua inglesa como espaço de resistência e de questionamento às colonialidades, propus, no início do ano letivo de 2023, que as/os aprendizes da disciplina de Língua Inglesa II dos cursos técnicos de Agroecologia e de Meio Ambiente Integrados ao Ensino Médio, de um Instituto Federal localizado no Oeste do Pará, mantivessem diários reflexivos (*Reflective Journals*) sobre as nossas aulas. Para tanto, a primeira aula do ano foi pensada para apresentar os critérios de realização dos diários e como as/os estudantes seriam avaliadas/os no decorrer do primeiro semestre. A ideia era simples: o diário precisava ter um nome e deveria ser registrado naquelas folhas aquilo que tocou, mexeu, instigou possibilidades outras de se pensar e des/re/aprender a língua inglesa e a vida de modo geral. As/Os estudantes também deveriam separar um caderno somente para esta atividade, poderia ser usado ou novo, porém de uso exclusivo da disciplina.

Para este estudo, focalizarei as experiências coconstruídas com a turma de Meio Ambiente II sobre a vida e a obra de bell hooks. Ao todo, foram dezoito aulas, ocorridas ao longo dos meses de abril e junho de 2023, em que conversamos e nos deixamos embalar pelos ensinamentos dessa autora negra. Distribuídas entre vocalização de histórias, desenhos, leitura de textos acadêmicos, confecção de mural, escrita de texto crítico e realização de atividades de leitura e compreensão, os nossos encontros foram recheados de afeto e muita problematização.

Dei início ao percurso didático (Sabota, 2017) sobre bell hooks no dia 15/04/2023 com a performance da história *Straightening our hair*. Após a vocalização do conto, a qual envolveu muitos gestos, escrita de palavras no quadro e algumas intervenções para que a turma continuasse engajada comigo na construção de sentidos daquela narrativa oralizada em língua inglesa, solicitei que a turma ilustrasse o que aquele emaranhado de sons, gestos e palavras escritas significaram para elas/eles. Ilustrações de mulheres negras, *hot combs*, cozinhas cheias de mulheres e cabelos crespos encheram a minha pasta no dia de entrega dos trabalhos.

Nas aulas do dia 17/04/2023, devolvi os diários reflexivos da turma e tivemos uma sessão de feedback. Foi um momento enriquecedor em que diversas/os alunas/os disseram ter aprendido muitas palavras novas em inglês, bem como reconhecido a importância de falar mais sobre si mesmas/os.

Nas aulas do dia 24/04/2023, as/os aprendizes realizaram uma pesquisa mais aprofundada sobre a biografia de bell hooks e construíram um *mind map* com as

informações encontradas. Para tanto, exemplifiquei como construir um mapa mental no início da aula e solicitei que este fosse feito em língua inglesa.

Nas aulas do dia 08/05/2023, a turma fez uma roda de conversa e todas/os tiveram a oportunidade de ler os seus mapas mentais e compartilhar com as/os colegas os seus achados sobre a autora.

Nos dias 15, 22 e 29/05/2023, as/os estudantes leram o capítulo 11 “*Language – teaching new worlds – new words*”, do livro “*Teaching to transgress: education as the practice of freedom*”, de bell hooks, e realizaram uma atividade de interpretação elaborada por mim. Na atividade, as/os aprendizes tinham que: 1) completar os espaços em branco das citações selecionadas com as palavras do texto; 2) traduzir as citações para a língua portuguesa; 3) criar uma lista de vocabulário com palavras novas presentes no texto; e 4) elaborar um texto crítico² utilizando ao menos duas das citações presentes na questão de número um. No dia 29/05/2023, as/os estudantes entregaram seus trabalhos e aquelas/es que quiseram, leram seus textos críticos, escritos em inglês, para as/os colegas.

Nas aulas dos dias 16 e 19/06/2023, realizamos a segunda sessão de feedback dos diários reflexivos. Desta vez, optei por uma avaliação oral dos conteúdos que estudamos ao longo do bimestre. Foi um momento em que pude perceber notadamente que as aulas sobre a vida e algumas das obras de bell hooks marcaram a vida de muitas/os estudantes.

A seguir, discuto as corpovivências de quatro estudantes compartilhadas em seus diários reflexivos sobre as aulas em que problematizamos e aprendemos com a vida e obra de bell hooks, especialmente nos encontros de 15/04/2023 e 29/05/2023.

COMBATENDO COLONIALIDADE(S) NAS AULAS DE INGLÊS

Como dito anteriormente, as/os estudantes escolheram seus diários reflexivos e os deram um nome. Os quatro trabalhos analisados foram intitulados *Chuu*, *Romeo*, *Ruoye* e *Darling* pelas aprendizes. As responsáveis por esses materiais são quatro alunas do curso de Meio Ambiente (2ª série) e eu solicitei previamente a autorização das aprendizes para que pudesse utilizar esse material na comunicação feita no XIX ENFOPLE. Abaixo, as capas dos diários problematizados neste estudo:

² A proposta de escrita de um texto crítico gira em torno da capacidade de produzirmos escritos que articulem aquilo que lemos com aquilo que corpovivenciamos.

Figura 1: capas dos diários reflexivos de quatro estudantes do curso de Meio Ambiente



Fonte: acervo pessoal do autor

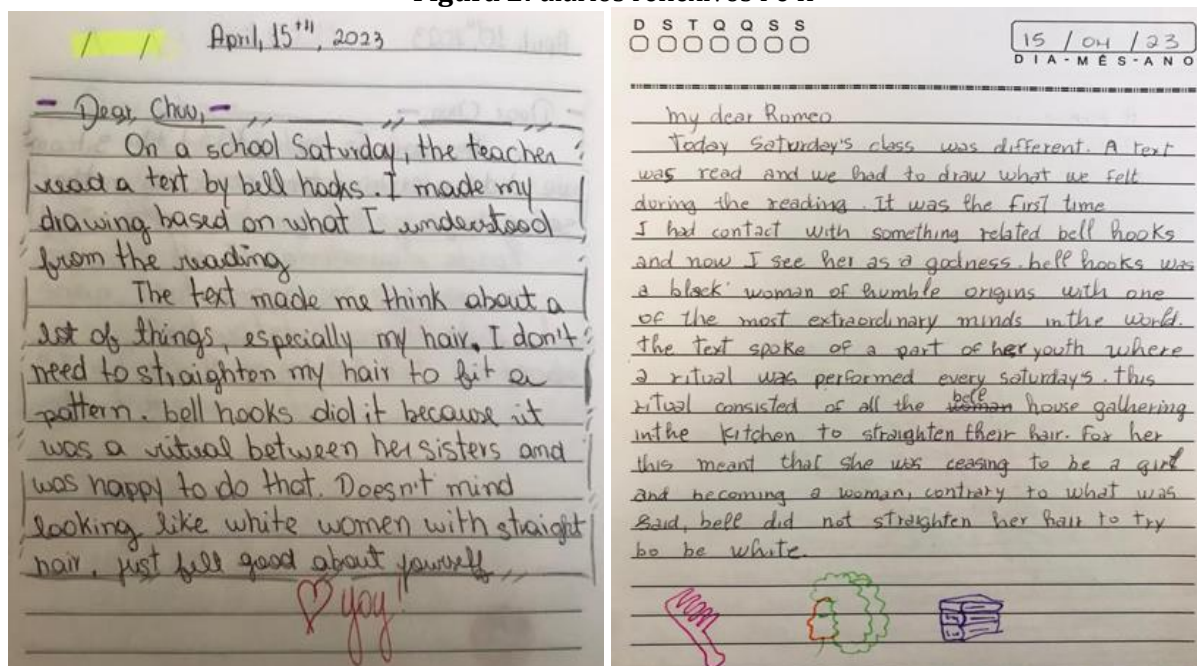
Como podemos ver, as capas dos diários trazem estampadas imagens de borboletas, o pequeno príncipe, um gato sobre um caderno e a cantora estadunidense Lana del Rey. De acordo com Silva (2014, p. 542), embora o diário seja comumente utilizado para contribuir com a aprendizagem das/os aprendizes, faz-se relevante compreender que “o professor também se beneficia dessa escrita, pois ele lê o que os alunos estão escrevendo e, em sua leitura, ele reflete sobre sua prática em sala de aula”.

Corroborando as palavras da estudiosa, compreendo que as reflexões das/os estudantes realizadas em seus diários me fizeram perceber e transformar as aulas de inglês a cada vez que tinha contato com as suas escritas (Evaristo, 2017). Dessa maneira, uma das reflexões que teço diz respeito à ausência de um momento em que as/os aprendizes pudessem se apresentar em seus diários. Por eu não ter proposto isso às/aos estudantes, não há um lugar nos diários em que elas/eles falem de si, das suas biografias. A meu ver, informações como raça, gênero, classe social e visões de língua[gem] precisam aparecer nesse tipo de trabalho. Para professoras/es que desejem trabalhar com diários reflexivos, sugiro que iniciem suas propostas solicitando uma narrativa pessoal das/os aprendizes abrangendo os dados elencados anteriormente ou outros que achar conveniente. Essas informações corporificam o trabalho com diários e melhor localiza quem fala, de onde fala, por que fala, e para quem fala.

bell hooks, pseudônimo de Gloria Jean Watkins, fez parte da nossa trajetória de des/re/aprendizagem nas aulas de língua inglesa. Ela nasceu em 25 de dezembro de 1952 e faleceu em 15 de dezembro de 2021, no estado do Kentucky, no Estados Unidos da

América. O nome bell hooks é uma homenagem feita a sua bisavó materna e busca honrar as suas ancestrais femininas. As iniciais minúsculas em seu nome foram utilizadas para focalizar a sua mensagem, em vez de si mesma. Sua vasta e necessária bibliografia é composta por livros que discutem o amor, o corpo da mulher negra, o patriarcado, o machismo, o capitalismo, dentre tantos outros aspectos. Um dos conceitos utilizados pela autora que intenta englobar essas complexidades é *patriarcado supremacista branco capitalista imperialista*. Para a estudiosa, era preciso nomear esse sistema excludente responsável por colocar corpos não-brancos em um não-lugar de existência. A performance do texto *Straightening our hair*, realizada por mim no dia 15/04/2023, deu início ao percurso didático sobre bell hooks. A seguir, mobilizo as reflexões de duas alunas sobre essa atividade:

Figura 2: diários reflexivos I e II



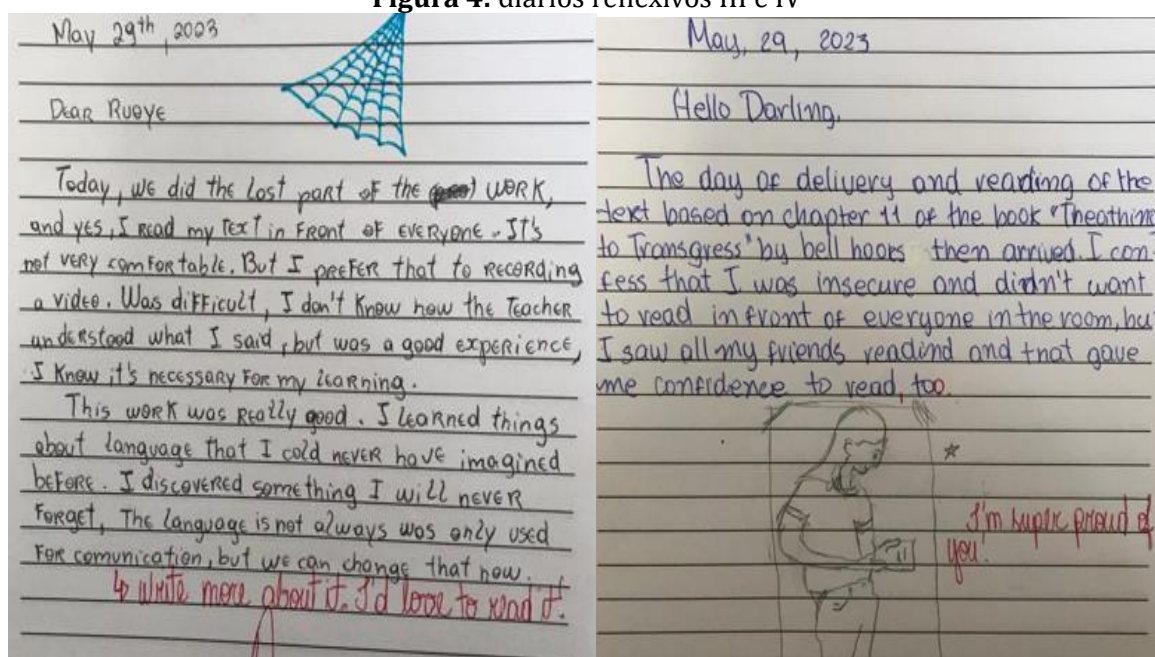
Fonte: acervo pessoal do autor

Como podemos perceber, a estudante responsável pelo diário reflexivo I, chamado por ela de *Chuu*, tece uma reflexão sobre o seu próprio cabelo, afirmando que não precisa alisá-lo para se encaixar em determinados padrões. No meu entendimento, essa declaração está intimamente relacionada às suas próprias corpovivências, isto é, me parece que alisar os cabelos era uma prática comum a essa aluna. Por outro lado, as escrevivências de bell hooks parecem ter contribuído para que a estudante compreendesse que os seus cabelos fazem parte da sua identidade, dizem muito sobre

quem ela é. E quem ela é, naquele momento de escrita, não compactua com os pressupostos da branquitude, como podemos ver em “*doesn't mind looking like a white women with straight hair, just feel good about yourself*”.

As reflexões presentes no diário reflexivo II, chamado pela estudante de *Romeo*, demonstram o quão profundamente ela foi afetada pelas vivências da autora, afirmando que a partir daquele momento ela a via como uma deusa (goddess). A aluna diz que seu primeiro contato com bell hooks foi suficiente para que ela percebesse na escritora uma grande inspiração de vida. É interessante notar, ainda, que a aprendiz recorre a imagens para compor outros sentidos ao que ocorreu na aula. As imagens de uma mulher com cabelo afro (no centro), um pente (à esquerda da imagem) e uma pilha de livros (à direita) são linguagens que também constituem significados para a aluna. Abaixo, outros dois diários reflexivos que também exploraram outras linguagens além da escrita.

Figura 4: diários reflexivos III e IV



Fonte: acervo pessoal do autor

As reflexões postuladas acima referem-se ao momento em que as estudantes apresentaram³ seus textos críticos para a turma. Após a leitura e discussão do capítulo de livro *Language – teaching new words, new worlds*, as/os aprendizes responderam a uma lista de exercícios, dentre os quais envolvia a escrita e a leitura de um texto crítico. Assim

³ Às/Aos estudantes que não quiseram apresentar seus textos para a turma lhes foi dada a possibilidade de gravarem um vídeo lendo os trabalhos. A gravação foi enviada para o número de WhatsApp do professor.

como a autora do diário *Romeo*, as escritoras de *Ruoye* e *Darling* também recorreram a recursos visuais, os quais remetem a uma rede ou teia de aranha (imagem à esquerda) e a um desenho da aluna lendo seu texto crítico para a turma (imagem à direita).

A oralidade é uma barreira muito presente nas aulas de línguas, principalmente no contexto das escolas públicas brasileiras. Muitas/os estudantes não se sentem confiantes para ao menos ler algo em inglês, como diz uma das alunas em seu *reflective journal*. Por compreender que este obstáculo está intrinsecamente relacionado a uma construção política e excludente bastante situada, na qual as/os alunas/os são vistas/os como meros receptáculos de conteúdos – aquilo que Paulo Freire chama de educação bancária, busco, sempre que possível, nas minhas aulas de língua inglesa, oportunizar momentos em que as/os aprendizes falem em inglês. Nunca com base nos pressupostos do ideal do falante nativo, mas com o objetivo de fortalecer as pessoas que fazem uso dessa língua para lutar por suas existências em um mundo embebido pelas colonialidades.

A meu ver, as duas estudantes representadas por seus diários reflexivos conseguiram realizar a importância de usarem sua voz na aprendizagem de línguas. Por vias diferentes, ambas superaram o seu receio de falar em inglês e foram capazes de ler seus textos críticos para a turma. Como a autora de *Rouye* expressa em uma de suas notas, as aulas sobre bell hooks a auxiliaram na percepção de que a língua[gem] não se restringe à comunicação. Assim como a questiono em seu diário, eu adoraria saber quais os desencadeamentos dessa constatação em sua vida escolar.

REFLEXÕES FINAIS

Ao longo de dezoito aulas, tivemos a oportunidade de des/re/aprender com a vida e obra de bell hooks. Compreender que a língua extrapola a mera noção de comunicação, passando a ser objeto de hierarquização, exclusão, preconceito e apagamento, é uma das mais importantes reflexões que faço a respeito deste trabalho. Imiscuído com as corpovivências das quatro estudantes que aceitaram compartilhar suas reflexões neste capítulo, considero que o trabalho com diários reflexivos foi uma ferramenta importante no combate às colonialidades.

Os desenhos, os nomes dos diários, os adesivos, as capas, as palavras grafadas... todos os recursos semióticos empregados pelas/os alunas/os compuseram sentidos outros à uma noção de língua[gem] preocupada em ditar regras, criar barreiras, excluir

corpos. Com estas constatações, finalizo o presente texto endossando que a escrita de diários reflexivos pode sim apontar para horizontes decoloniais, desde que sejam utilizados como meio e não como fim.

Às estudantes que compartilharam algo tão pessoal, agradeço pela confiança. À autora que nos inspirou em nossas aulas de inglês, espero recompensar tantas des/re/aprendizagens com a escrita deste texto. A vocês, meu muito obrigado!

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ricardo Regis de. **Corpovivências decoloniais compartilhadas e coconstruídas nas (e para além das) aulas de língua inglesa de um curso de Letras: português e inglês**. 236 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista brasileira de ciência política**, n. 11, p. 89-117, 2013.

DULCI, Tereza Maria Spyer; MALHEIROS, Mariana Rocha. Um giro decolonial à metodologia científica: apontamentos epistemológicos para metodologias desde e para a américa latina. **Revista Espirales**, p. 174-193, 2021.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Pallas Editora, 2017.

MENEZES DE SOUZA, Lynn Mario Trindade; MARTINEZ, Juliana Zeggio; DINIZ DE FIGUEIREDO, Eduardo Henrique. “Eu só posso me responsabilizar pelas minhas leituras, não pelas teorias que eu cito”: entrevista com Lynn Mario Trindade Menezes de Souza (USP). **Revista X**, [S.1], v. 14, n. 5, p. 05-21, 2019.

NÚÑEZ, Geni Daniela; OLIVEIRA, João Manuel; LAGO, Mara Coelho Souza. Monogamia e (anti) colonialidades: uma artesanaria narrativa indígena. **Teoria e Cultura**, v. 16, n. 3, p. 76-88, 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: Conselho Latino-americano de Ciências Sociais - CLACSO, 2005. p. 117-148.

SABOTA, Barbra. Formação de professores de língua estrangeira: uma experiência de pesquisa-ação no estágio supervisionado de língua inglesa. In: SABOTA, B.; SILVESTRE, V. P. V. (org.). **Pesquisa-ação & formação: convergências no estágio supervisionado de língua inglesa**. Anápolis: Editora da UEG, 2017. p. 43-65.

SILVA, Márcia Aparecida. Diários reflexivos e avaliação formativa: um olhar sobre a prática do professor. **Domínios de Lingu@ gem**, v. 8, n. 1, p. 541-542, 2014.

SOUZA, Jessé. **Como o racismo criou o Brasil**. São Paulo: LeYa, 2021.

Capítulo 3
OS DESAFIOS DO PROFESSOR DE LICENCIATURA EM LETRAS
LÍNGUA INGLESA DURANTE O PERÍODO DE GRADUAÇÃO ATÉ A
SUA FORMAÇÃO INICIAL

Monaliza Alexandre Mafra de Sousa

Davi Braga da Silva



OS DESAFIOS DO PROFESSOR DE LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA INGLESA DURANTE O PERÍODO DE GRADUAÇÃO ATÉ A SUA FORMAÇÃO INICIAL

Monaliza Alexandre Mafra de Sousa

Licenciada em Letras - Língua Inglesa pelo Centro Universitário do Norte – Uninorte.

Davi Braga da Silva

Mestre em Educação, Especialista em: didática, formação docente, metodologia do ensino, administração escolar, supervisão e orientação. Graduado em pedagogia pelo Centro Universitário do Norte – Uninorte.

RESUMO

O presente artigo tem como tema "Os desafios do professor de licenciatura em letras Língua Inglesa durante o período de graduação até a sua formação inicial". Nesse contexto, é um tema que vem ganhando crescente relevância entre os estudantes matriculados no curso de Licenciatura em Letras Língua Inglesa e, portanto, é de suma importância reconhecer prontamente esses desafios. Isso permitirá que o graduando em Letras – inglês possa abordar de maneira eficaz essas questões contínuas. Este artigo apresenta pesquisas e entrevistas inéditas que exploram as melhores práticas destinadas aos graduandos que têm como objetivo seguir carreira de professores de Língua Inglesa. Essa pesquisa propõe uma análise, tanto qualitativa quanto quantitativa, do desenvolvimento de futuros professores em formação, reconhecendo que esse processo envolve várias etapas a serem concluídas durante a graduação. A escolha desse tema decorre das dificuldades enfrentadas pelos estudantes nesse percurso, com a intenção de aprimorar gradativamente a jornada desses futuros professores de Língua Inglesa. O objetivo é proporcionar orientações sobre organização, desenvolvimento de habilidades de ensino e adaptação a diversos contextos educacionais. Diante dos resultados dessa pesquisa, realizada com alunos em processo de graduação e professores formados em Letras-Inglês, tanto na rede pública quanto particular, nota-se que existem várias possibilidades de enfrentar os desafios dessa trajetória extensa. A partir desses resultados, podemos concluir que esta é uma pesquisa muito importante para graduandos

que almejam seguir com a carreira de professor de inglês e que a progressão dos futuros professores está em suas próprias mãos.

Palavras-chave: Desafios. Formação. Trajetória. Inglês. Ensino.

ABSTRACT

The present article is "The Challenges of the English Language Teacher During the Undergraduate Period until Initial Training". In this context, it is a theme that is gaining increasing relevance among students enrolled in the English Language Arts degree course, and it is therefore of the utmost importance to promptly recognize these challenges. This will enable English Language graduates to effectively approach these ongoing issues. This article presents unpublished research and interviews that explore the best practices for undergraduates who aim to become English language teachers. The research proposes both a qualitative and quantitative analysis of the development of future teachers in training, recognizing that this process involves several stages to be completed during the degree. For this topic, was chosen because of the difficulties faced by students on this path, with the intention of gradually improving the journey of these future English language teachers. The aim is to provide guidance on organization, developing teaching skills and adapting to different educational contexts. Based on the results of this research, which was carried out with students in the process of graduating and teachers with a degree in English, both in the public and private sector, we can see that there are various possibilities for facing the challenges of this long trajectory. Based on these results, we can conclude that this is very important research for undergraduates who want to pursue a career as an English teacher and that the progression of future teachers is in their own hands.

Keywords: Challenges. Training. Trajectory. English. Teaching.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a análise da trajetória da atuação dos professores de Língua Inglesa em processo de formação, ressaltando os desafios enfrentados por esses profissionais ao longo de sua trajetória. O curso de Licenciatura em Letras - Língua Inglesa é uma graduação de ensino superior que prepara os futuros docentes para se tornarem profissionais qualificados, oferecendo tanto a modalidade de licenciatura quanto a de bacharelado. Essa graduação é de extrema importância para aqueles que aspiram seguir a carreira de professor, embora seja fundamental ter ciência das diversas dificuldades a serem superadas, como a adaptação ao ambiente em salas de aula, o uso de tecnologias e mídias, a elaboração de planejamentos de aulas, o controle em sala de

aula, entre outros. Tais desafios também podem impactar negativamente o processo de aquisição e aprendizado dos alunos. Com base nessa explicação, o presente artigo aborda a seguinte indagação: De que maneira a capacitação de futuros docentes poderia ser aprimorada? Quais elementos poderiam auxiliar ou contribuir para o desenvolvimento de um professor de inglês em formação? Com base nessas indagações, este trabalho procura apresentar soluções fundamentadas em objetos de pesquisa.

Foram conduzidas entrevistas com alunos do curso de graduação em Letras - Língua Inglesa e professores da rede pública e particular. A pesquisa visa contribuir para o desenvolvimento e capacitação do aluno, fornecendo ferramentas para lidar com desafios que podem ser atenuados no contexto educacional. Conforme afirmado por Freire (1996), "a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem". Dessa forma, compreendemos que o professor que não se atualiza, que não busca aprimoramento, e que não demonstra dedicação à sua profissão não está em condições morais de assumir a responsabilidade docente. Conscientes de que o docente desempenha um papel crucial na vida dos estudantes, atuando como mediador, é imperativo que este esteja constantemente inovando. Nesse sentido, o presente artigo foi concebido para orientar os alunos que aspiram à carreira de professor de Língua Inglesa.

O objetivo geral é auxiliá-los a dar os primeiros passos em direção a uma formação inicial sólida, reconhecendo que a motivação do docente de Língua Inglesa é um fator fundamental para o processo de aprendizagem dos estudantes. O estudo conduzido nesta pesquisa possui natureza qualitativa, conforme preconizado pelas diretrizes de Minayo (2010, p.21), que define a pesquisa qualitativa como aquela que "responde a questões muito particulares. Ela se ocupa nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado". O escopo da pesquisa consiste em realizar uma análise aprofundada da trajetória enfrentada pelos professores de Língua Inglesa. A abordagem metodológica explorará as experiências de professores já formados, bem como entrevistas com professores em formação. Vale ressaltar que esta pesquisa também adota uma perspectiva quantitativa, conforme delineado por Malhotra (2001, p.155), que destaca que "a pesquisa qualitativa proporciona uma melhor visão e compreensão do contexto do problema, enquanto a pesquisa quantitativa procura quantificar os dados e aplica alguma forma de análise estatística". Dessa forma, a abordagem quantitativa será empregada para elucidar os resultados obtidos nesta pesquisa.

É conhecido que o processo de formação de um professor de Língua Inglesa abrange diversas etapas que demandam conclusão. Ao longo da graduação em Letras - Licenciatura em Língua Inglesa, os alunos têm a oportunidade de se capacitar, adquirindo conhecimentos teóricos e práticos relacionados à linguística, literatura, gramática e metodologias de ensino. Uma prática comum nesse percurso é a realização de estágios em escolas ou instituições de ensino, proporcionando aos estudantes a aplicação de seus conhecimentos em sala de aula, sob a supervisão de professores experientes. Adicionalmente, os alunos podem participar de projetos e cursos ao longo da faculdade. É relevante observar que a trajetória de um professor de Língua Inglesa pode variar conforme o país, a instituição e as demandas específicas do local onde o professor planeja atuar. Tornar-se um professor eficaz demanda comprometimento com o aprimoramento contínuo, envolvendo a participação em cursos, conferências, grupos de estudo, comunidades de prática, e a busca constante por atualizações.

Portanto, os professores de Língua Inglesa enfrentam uma série de desafios, tais como aprimoramento da pronúncia, domínio de aspectos gramaticais complexos, desenvolvimento de habilidades de ensino e adaptação a diferentes contextos educacionais. No entanto, possuem a oportunidade de superar esses desafios por meio do aprendizado contínuo, do apoio de mentores e da própria experiência prática. Esses relatos constituem apenas uma amostra das experiências que os futuros professores de inglês podem vivenciar ao longo de sua trajetória. Cada indivíduo trilhará uma jornada única, repleta de particularidades e desafios singulares. Esta trajetória é contínua, pois os professores estão sempre em busca de aprimorar suas habilidades e se manter atualizados em relação às melhores práticas de ensino. Este trabalho está organizado em seis seções. Na seção 1, são abordadas as Considerações Iniciais relacionadas a esta pesquisa. A seção 2, trata de um breve histórico da profissão de professor de Língua Inglesa no Brasil e na atualidade. Na seção 3, é apresentada a importância da capacitação de futuros professores de Língua Inglesa. A seção 4 concentra-se na metodologia da pesquisa, enquanto a seção 4.1 aborda a pesquisa de campo. A seção 4.2 discute o formato adotado na pesquisa. Na seção 4.3 localiza-se a coleta de dados desta pesquisa. Na seção 5, encontra-se a análise dos dados. Na seção 5.1, apresenta-se a entrevista com Professores formados no curso de Licenciatura em Letras Língua Inglesa. Na seção 5.2, apresenta-se a entrevista com alunos graduandos em Licenciatura em Letras Língua

Inglesa. Na seção 6, aborda-se a reflexão da autora. Por último, apresenta-se as considerações finais deste artigo.

UM BREVE HISTÓRICO DA PROFISSÃO DE PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA NO BRASIL E NA ATUALIDADE

Para compreender os principais desafios enfrentados pelos professores de Língua Inglesa na atualidade, é essencial começar pela compreensão da origem dessa profissão. Em outras palavras, é necessário adquirir conhecimento prévio sobre o passado para iluminar as práticas anteriores que contribuíram para facilitar a compreensão dos desafios abordados nesta pesquisa. A história dos professores de Língua Inglesa está intrinsecamente ligada à influência da grande potência da época, a Inglaterra. O país expandia-se rapidamente pelo mundo, impulsionado por seu desenvolvimento econômico e cultural, afetando não apenas sua língua, mas também sua arquitetura e industrialização. Como resultado, a necessidade de professores de Língua Inglesa surgiu devido às diversas demandas da população inglesa, especialmente nas interações com os brasileiros, notadamente no contexto de trabalho. Segundo Moacyr (1936), O texto do decreto diz o seguinte:

E, sendo outrossim, tão geral e notoriamente conhecida a necessidade de utilizar das línguas francesa e inglesa, como aquelas que entre as vivas têm mais distinto lugar, e é de muita utilidade ao estado, para aumento e prosperidade da instrução pública, que se crie na Corte uma cadeira de língua francesa e outra de inglesa. (Moacyr, 1936, p.61).

Logo, em 22 de junho de 1809, D. João VI emitiu um decreto que estabelecia a criação de dois sistemas de educação: um dedicado ao ensino de francês e outro dedicado ao ensino de inglês. Esse ato oficializou a Língua Inglesa no Brasil. Nesse período, tanto o inglês quanto o francês detinham forte influência e status político, cultural e comercial no Brasil e em toda a Europa. Essa oficialização ocorreu em um contexto pós-independência americana (1776) e revolução francesa (1789).

Segundo Oliveira (2006), O primeiro professor de inglês no Brasil foi um padre Irlandês chamado Jean Joyce, que desempenhou um papel crucial no ensino da língua na cidade do Rio de Janeiro. Não houve uma única política educacional responsável por introduzir o ensino da língua estrangeira, como o inglês, no Brasil. Com o passar do tempo, várias reformas e diretrizes desempenharam um papel na inclusão do ensino de

inglês nas escolas. Um marco de grande relevância nesse processo foi a Reforma Francisco Campos em 1942, que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino do idioma inglês no currículo das escolas secundárias brasileiras. Dessa forma, compreender a história e a evolução da profissão de professor de Língua Inglesa é essencial para abordar os desafios contemporâneos que eles enfrentam, oferecendo um contexto valioso para a análise das práticas atuais. Na contemporaneidade, a língua inglesa é altamente valorizada devido ao contexto global e internacional que permeia o mundo. Sendo a segunda língua mais amplamente falada globalmente, o papel desempenhado pelo Professor de Língua Inglesa é de importância crucial e transcende significativamente o ensino puramente linguístico. Esses educadores exercem uma função fundamental na capacitação dos alunos para o desenvolvimento das habilidades de escuta, fala, leitura e escrita em inglês. Não apenas isso, mas também atuam como mentores, encorajando e orientando seus alunos na melhoria de suas competências linguísticas, fornecendo feedback construtivo. Uma característica notável desses professores é a capacidade de ajustar o conteúdo do currículo de acordo com as necessidades e interesses específicos de cada turma. Eles vão além do ensino de gramática e vocabulário, envolvendo-se no desenvolvimento de habilidades de comunicação, que incluem a capacidade de conduzir conversas, fazer apresentações e redigir de maneira eficaz.

Além disso, preparam os alunos para exames amplamente reconhecidos, como o *Test of English as a Foreign Language* (TOEFL) e o *International English Language Testing System* (IELTS), oferecendo orientação e prática direcionada. Dado o crescente papel da tecnologia na educação, esses professores frequentemente incorporam ferramentas digitais e recursos online em suas aulas, tornando o processo de aprendizagem mais interativo e envolvente. É fundamental ressaltar que os professores de Língua Inglesa também desempenham um papel inspirador no que diz respeito a escolhas de carreira.

Ao demonstrar as diversas oportunidades relacionadas ao inglês, eles motivam seus alunos a considerar carreiras no ensino, tradução, interpretação ou em campos internacionais. Em resumo, o papel dos professores de inglês atualmente vai muito além do ensino puramente linguístico. Eles assumem o papel de mentores, facilitadores de habilidades de comunicação, promotores da competência intercultural e agentes de desenvolvimento pessoal desempenhando um papel vital na preparação dos alunos para um mundo globalizado e em constante evolução.

A IMPORTÂNCIA DA CAPACITAÇÃO DE FUTUROS PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA

Quando discutimos a capacitação de futuros professores, é essencial compreender as leis que orientam esses profissionais durante sua formação na faculdade. Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/96, em seu Capítulo IV, que aborda a "Educação Superior", no Artigo 43, estão estabelecidas as seguintes finalidades do ensino superior brasileiro:

- I- Estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;
- II- Formar diplomados nas diferentes áreas do conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua.
- II-Incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;
- IV - Promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;
- V - Suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;
- VI - Estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;
- VII - Promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica geradas na instituição.

Com base nesses parágrafos, a universidade deve ser, primordialmente, pertinente ao futuro professor de Língua Inglesa, formando especialistas aptos a suprir as demandas do mercado de trabalho. A importância da preparação desses futuros docentes abrange diversos aspectos significativos. Em especial, garante que esses profissionais estejam devidamente capacitados para lecionar e se comunicar em inglês, resultando em um substancial melhoria na qualidade da educação. Além disso, a capacitação promove o desenvolvimento das habilidades linguísticas e pedagógicas necessárias para uma instrução eficaz. Em um contexto globalizado, essa preparação os habilita a atender às crescentes demandas da internacionalização, tornando-os mais competitivos no mercado de trabalho, uma vez que a proficiência em inglês é uma habilidade valiosa que amplia suas oportunidades de emprego. Além disso, a capacitação

facilita a comunicação internacional e o intercâmbio cultural, promovendo a compreensão global.

Por fim, ao formar professores bem preparados, contribui-se para a formação de cidadãos mais capacitados a enfrentar os desafios de um mundo globalizado e multicultural. Em resumo, a capacitação de futuros professores de Língua Inglesa desempenha um papel crucial na qualidade da educação, na empregabilidade, na promoção da interculturalidade e na formação de indivíduos mais preparados para o mundo contemporâneo.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Este tópico da metodologia de pesquisa está dividido em três subseções que foram cuidadosamente planejadas para este artigo. A primeira subseção aborda a pesquisa de campo, que foi a melhor opção para a coleta de dados. A segunda subseção descreve como a pesquisa foi conduzida, destacando a necessidade da pesquisa para este artigo, apresentando os objetivos e a justificação da escolha do formato das questões do formulário e do público-alvo. Na última subseção, são apresentados os detalhes sobre a elaboração do formulário, as estratégias de abordagem dos entrevistados, quem respondeu e de onde essas pessoas foram entrevistadas.

PESQUISA DE CAMPO

Para este artigo, optou-se por realizar uma pesquisa de campo direta com estudantes de graduação matriculados no curso de Letras Língua Inglesa do Centro Universitário do Norte (Uninorte) no período noturno. A busca por esses alunos foi conduzida manualmente, envolvendo visitas a todas as turmas do curso de Licenciatura em Letras Inglês da faculdade, a fim de disponibilizar manualmente o link para o representante de turma passar o formulário a ser preenchido para a sua turma. O mesmo procedimento foi seguido ao contatar os Professores Graduados em Licenciatura em Letras Língua Inglesa do Centro Universitário do Norte (Uninorte) e do Centro Cultural Brasil Estados Unidos (Icbeu) localizado no centro de Manaus.

FORMATO DA PESQUISA

O formato de pesquisa para este estudo foi realizado por meio da ferramenta digital *Google Forms*. Na qual essa plataforma possibilita a criação de formulários on-line com perguntas personalizadas, acessíveis por meio de celulares, tablets ou computadores com acesso à internet. Os questionários foram respondidos por alunos graduandos no curso de Licenciatura em Letras Língua Inglesa da Uninorte localizada em Manaus e docentes formados em Letras Língua Inglesa na qual parte foram localizados na Uninorte e os demais no Centro Cultural Brasil Estados Unidos (icbeu), com o propósito de analisar a vivência no curso de Letras Língua Inglesa.

COLETA DE DADOS

A coleta de dados para este artigo teve início em 3 de outubro e foi concluída em 4 de outubro. No primeiro dia, foi necessário familiarizar-se com os alunos de vários períodos do curso de Letras - Língua Inglesa da instituição de ensino Uninorte. Os alunos foram receptivos ao me receberem e explicar o propósito do meu estudo. Em seguida, compartilhei o link do questionário com os representantes de todos os períodos do curso de Letras - Língua Inglesa, para que eles o distribuíssem aos alunos dispostos a responder o questionário.

No segundo dia, visitei alguns professores na Uninorte e no Icbeu para que respondessem ao questionário, abordando questões relacionadas à formação deles. Os docentes me receberam cordialmente, e para aqueles que puderam colaborar, disponibilizei o link do questionário por meio do aplicativo WhatsApp. Ao todo, 24 participantes contribuíram para este estudo. O questionário elaborado continha uma variedade de perguntas, abrangendo aspectos sociais. Além disso, o questionário estava subdividido em seções exclusivas para docentes e alunos, cada uma apresentando perguntas específicas. No total, as perguntas destinadas aos docentes consistiam em três questões objetivas e uma subjetiva, enquanto aquelas direcionadas aos alunos compreendiam três questões objetivas e duas subjetivas.

A) Questões realizadas aos docentes:

Onde você realizou a sua graduação de Licenciatura em Letras Língua Inglesa?
☐ Escola pública (estadual ou municipal)
☐ Escola particular
Sobre a trajetória do professor de Licenciatura em Letras Língua Inglesa, você acha que possui dificuldades para se tornar um professor qualificado?
☐ Concordo Plenamente ☐ Concordo Parcialmente ☐ Discordo Plenamente ☐ Discordo Parcialmente
Professores de Inglês podem influenciar positivamente na vida dos estudantes fora da sala de aula?
☐ Concordo Plenamente ☐ Concordo Parcialmente ☐ Discordo Plenamente ☐ Discordo Parcialmente
São muitas as oportunidades de carreira disponíveis para professores de inglês além do ensino em sala de aula? Cite um exemplo.
☐ Resposta pessoal.

B) Questões realizadas aos discentes:

Onde você está realizando a sua graduação de Licenciatura em Letras Língua Inglesa?
☐ Escola pública (estadual ou municipal) ☐ Escola particular
Você enfrenta desafios em sua graduação?
☐ Sim
☐ Não
Você acredita que existem poucas oportunidades de carreira disponíveis para professores de Licenciatura em Língua Inglesa?
☐ Concordo Plenamente ☐ Concordo Parcialmente ☐ Discordo Plenamente ☐ Discordo Parcialmente

O que te motivou a escolher a carreira de professor de Letras- Inglês?
() Resposta pessoal.
Você está preparado para lidar com a diversidade de alunos que tem como por exemplo diagnósticos de bipolaridade, TAE, TDH e outros?
() Resposta pessoal.
Se você está cursando Licenciatura em Letras - Língua Inglesa e precisasse oferecer orientação a outros estudantes na mesma graduação, que conselho ou apoio você forneceria?
() Resposta pessoal.

O questionário destinado a docentes e graduandos do curso de Letras Língua Inglesa encontra-se acima. O processo de coleta de dados transcorreu de maneira tranquila, sem dificuldades na interpretação das perguntas por parte dos docentes e graduandos envolvidos neste estudo. Para iniciar a análise desses dados, todas as perguntas e respostas foram compiladas e analisadas uma a uma, visando uma análise apropriada de cada questão.

ANÁLISE DOS DADOS

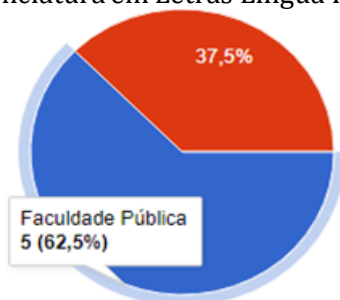
Entrevista com professores formados no curso de Licenciatura em Letras Língua Inglesa

Para a coleta de dados, empregou-se um questionário destinado aos professores formados em Licenciatura em Letras - Língua Inglesa. Neste contexto, os professores demonstraram boa disposição ao responderem, compartilhando suas experiências. Durante a coleta desses dados, foi rigorosamente preservada a identidade de todos os participantes envolvidos na pesquisa.

Portanto, ao garantir os direitos civis desses cidadãos, a legislação é clara: "Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, conforme estabelecido nos seguintes incisos: I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição; e V - é assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além

da indenização por dano material, moral ou à imagem, de acordo com o disposto na Constituição Federal" (Brasil, 1988). Portanto, este questionário foi elaborado na plataforma do *Google forms*. Tendo como primeira pergunta a seguinte:

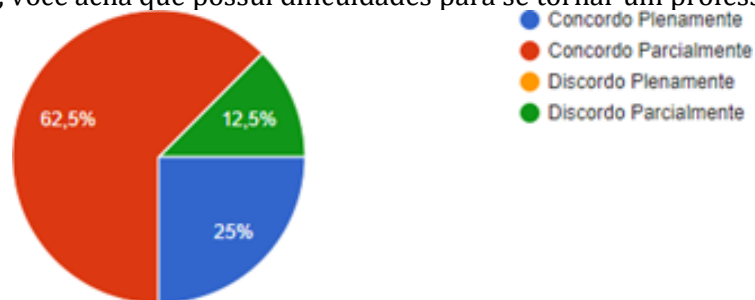
Figura 1: Gráfico da Pergunta nº 1- Onde você realizou a sua Graduação de Licenciatura em Letras Língua Inglesa?



Fonte: Produção da autora.

Analisando este gráfico, vemos que 62,5% dos professores que responderam esta pergunta, afirmou que em seu processo de Graduação foram realizados em Ensino Particular e os 37,5% afirmaram ser graduados em Ensino Público. É importante lembrar que a escolha entre faculdades públicas e particulares depende muito das circunstâncias na qual a pessoa está passando naquele momento. Sendo elas financeiras, economizar tempo, ou por bolsas de estudos entre outros. A próxima pergunta foi a seguinte:

Figura 2: Gráfico da Pergunta nº 2 - Sobre a trajetória do professor de Licenciatura em Letras Língua Inglesa, você acha que possui dificuldades para se tornar um professor qualificado?



Fonte: Produção da autora.

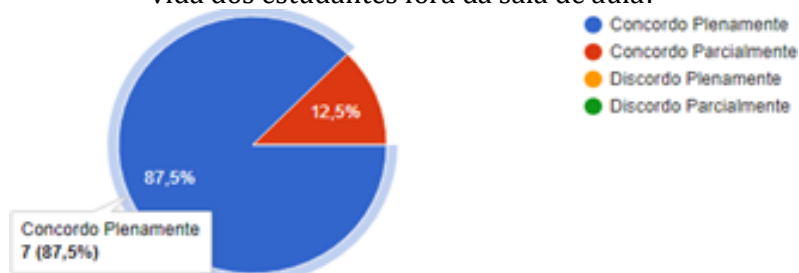
Conforme o gráfico acima, 25% dos professores já formados em Letras Língua Inglesa concordam plenamente que, em algum momento de sua formação, enfrentaram certa dificuldade para se tornarem professores qualificados. Por outro lado, 62,5% dos outros docentes concordaram parcialmente, indicando que em algumas etapas de sua trajetória houve desafios, enquanto em outras não. Nenhum professor discordou da

afirmativa apresentada. Adicionalmente, 12,5% dos professores afirmaram que discordam da ideia de que não houve desafios durante a graduação para se tornarem professores de Letras Língua Inglesa até o momento. Segundo Morales (2006):

O professor ideal não existe, mas há muitas maneiras de ser um bom professor, de manter um bom relacionamento com os alunos e de influenciá-los de maneira muito positiva. Além disso, há também muitos tipos de alunos e de situações. Todos nós podemos nos lembrar de bons professores muito diferentes entre si que motivam, criam boa atmosfera na classe, são organizados, etc. (P. 30).

Pode-se afirmar que o professor ideal não existe, mas aqueles que almejam seguir a carreira de professor de Letras Língua Inglesa, independentemente dos desafios que possam surgir em seu percurso, buscarão se destacar como os melhores em sua área. A pergunta subsequente foi formulada da seguinte maneira:

Figura 3: Gráfico da Pergunta nº 3 - Professores de Inglês podem influenciar positivamente na vida dos estudantes fora da sala de aula?



Fonte: Produção da autora.

Conforme o gráfico acima, em resposta a essa pergunta, 87,5% dos professores concordaram plenamente. Esses docentes afirmam e acreditam que todos os professores de inglês têm a capacidade de influenciar positivamente a vida dos estudantes fora da sala de aula de diversas maneiras. Os professores de Licenciatura em Letras Língua Inglesa não se limitam apenas ao ensino da língua inglesa, eles também têm o potencial de inspirar os alunos a desenvolverem diversas habilidades de comunicação e autoconfiança, assim como a explorar outros países e culturas.

Além disso, é crucial destacar o papel fundamental do Professor de Licenciatura em Letras Língua Inglesa como mediador, orientando e apoiando os alunos em seus objetivos acadêmicos e pessoais. A relação entre professores e alunos pode ser determinante para o sucesso dos estudantes não apenas no aprendizado do inglês, mas também em suas vidas em geral. Dessa forma, esses alunos podem até mesmo encontrar

inspiração para seguir a carreira docente na Língua Inglesa ou em qualquer outra área relacionada ao idioma. Por outro lado, 37,5% desses professores concordam parcialmente, pois reconhecem alguns motivos que podem levá-los a acreditar que não influenciam positivamente na vida dos estudantes fora da sala de aula.

Por exemplo, muitas vezes, esses professores lidam com turmas numerosas e podem sentir que não dispõem de tempo suficiente para se envolver individualmente com cada aluno. Além disso, alguns professores podem não ter recebido o treinamento adequado sobre como desempenhar um papel mais amplo na vida dos alunos. É relevante salientar que, apesar dessas razões, muitos professores reconhecem o potencial de impacto positivo que exercem sobre os alunos. Eles trabalham ativamente para promover o desenvolvimento pessoal e acadêmico de seus estudantes, ultrapassando a simples transmissão de conhecimento. A próxima pergunta abordou o seguinte tópico: **São muitas as oportunidades de carreira disponíveis para professores de inglês além do ensino em sala de aula?**

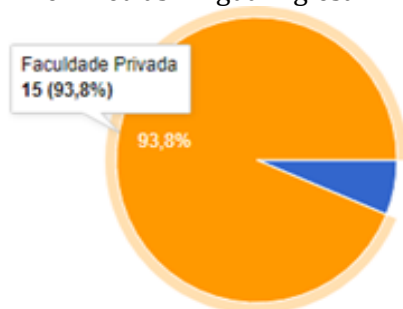
Essa foi uma resposta de natureza pessoal, na qual cinco professores expressaram que a carreira de Tradução é gratificante, especialmente para estudantes que apreciam a Comunicação Intercultural. No entanto, ressaltaram que pode ser bastante desafiadora, considerando que o tradutor precisa ser fluente nos dois idiomas nos quais trabalha. Destacaram a necessidade contínua de estudo e aprofundamento nas noções terminológicas para se manterem atualizados. Dois outros professores mencionaram a possibilidade de dar aulas particulares de inglês, principalmente para aqueles que já têm domínio do idioma. As aulas de inglês podem contribuir para o aprimoramento da pronúncia, fluência e vocabulário avançado. Esses professores enfatizaram a capacidade de diferenciar e adaptar as aulas de acordo com as necessidades individuais dos alunos, tornando as experiências de aprendizado prazerosas e divertidas.

Outro professor, sugeriu que seria uma boa ideia trabalhar em secretarias bilíngues, como em cursos de inglês, por exemplo. Lidar diretamente com a comunicação demanda domínio dos dois idiomas. O secretário bilíngue desempenha atividades relacionadas à documentação, tradução de documentos para reuniões, tarefas de escritório, entre outras responsabilidades.

Entrevista com Alunos Graduandos em Licenciatura em Letras Língua Inglesa

Esta entrevista foi conduzida por meio da plataforma *Google Forms*, na qual foram elaboradas perguntas relacionadas ao percurso que esses alunos, professores em formação, optaram por responder voluntariamente. As indagações visavam compreender os motivos pelos quais eles percebiam desafios ou facilidades em relação à vivência de sua trajetória acadêmica. Tendo como primeira pergunta a seguinte:

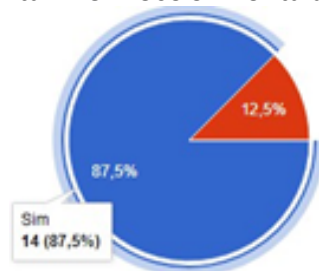
Figura 4- Gráfico da pergunta nº 5 - Onde você está realizando a sua graduação de Licenciatura em Letras Língua Inglesa?



Fonte: Produção da autora.

Analisando este gráfico, observa-se que 93,8% dos alunos que responderam a esta pergunta afirmaram ter realizado sua graduação em instituições de ensino particular, enquanto 6,3% indicaram ter se formado em instituições de ensino público. Vale ressaltar que a escolha entre faculdades públicas e particulares é influenciada por diversas circunstâncias enfrentadas pela pessoa naquele momento, como questões financeiras, economia de tempo ou a concessão de bolsas de estudo, entre outros fatores. A próxima pergunta foi a seguinte:

Figura 5- Gráfico da pergunta nº 6- Você enfrenta desafios em sua Graduação?

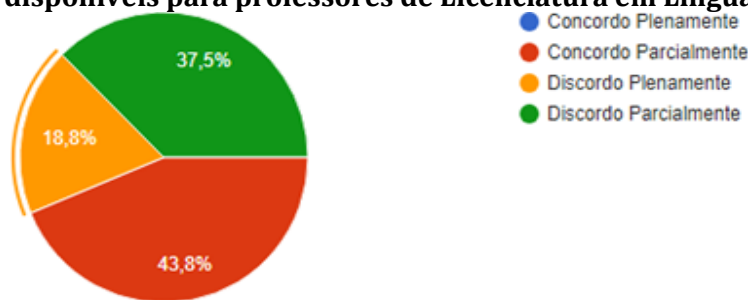


Fonte: Produção da autora.

Ao examinar este gráfico, nota-se que 87,5% dos alunos enfrentam desafios durante a graduação, devido a fatores que podem surgir ao longo do curso, como a falta

de apoio institucional ou docente, desafios nos estágios supervisionados e dificuldades na realização de disciplinas online e presenciais, por exemplo. Para os demais alunos, o resultado revela que 12,5% afirmaram não enfrentar desafios em sua graduação até o momento. A próxima pergunta foi a seguinte:

Figura 6- Gráfico da pergunta nº 7- Você acredita que existem poucas oportunidades de carreira disponíveis para professores de Licenciatura em Língua Inglesa?



Fonte: Produção da autora.

Ao analisar este gráfico, observa-se que nenhum aluno concordou integralmente. Em relação à afirmativa sobre a existência de oportunidades para a carreira de professor de inglês, 43,8% concordaram parcialmente, indicando que acreditam na disponibilidade dessas oportunidades, embora considerem difícil obtê-las. Por outro lado, 18,8% dos alunos concordaram plenamente, manifestando a crença de que há diversas oportunidades para quem se forma em Letras - Inglês. Por fim, 37,5% dos alunos discordaram parcialmente com essa análise. A próxima pergunta foi a seguinte:

O que te motivou a escolher a carreira de professor de Letras- Inglês?

Esta foi uma questão de natureza pessoal, na qual alguns alunos responderam que a motivação para escolher a Língua Inglesa como carreira teve origem no fato de já estarem cursando inglês e possuírem afinidade com o idioma desde a infância. A oportunidade de ingressar na graduação surgiu, e gradualmente, desenvolveram uma paixão pelo ensino, sendo motivados também pelo envolvimento com o idioma ao ouvirem músicas, ler livros em inglês e assistirem séries em inglês. Outros alunos compartilharam que a observação de professores falando em inglês os incentivou a desenvolver habilidades de fala e alcançar proficiência na aprendizagem e memorização de conteúdos. Além disso, manifestaram afinidade com o idioma ao observar a forma como os professores planejavam e conduziam as aulas, o que despertou fascínio. Esse encanto foi particularmente evidente ao observar a abordagem interativa e divertida, especialmente ao lidar com crianças no ambiente educacional.

Outros alunos afirmam que o que os motivou a seguir a carreira de professor de inglês foi o fato de seus pais também serem professores de inglês, o que se tornou uma influência significativa em suas vidas. Outros discentes afirmam que o inglês é muito importante nas empresas e no trabalho em outros países, sendo esse um dos motivos que os levou a se familiarizar com o idioma, uma vez que é uma língua amplamente reconhecida globalmente. A próxima pergunta foi a seguinte: **Você está preparado para lidar com a diversidade de alunos que tem como por exemplo diagnósticos de bipolaridade, TAE, TDH e outros?**

Esta foi uma questão de natureza pessoal, e mais da metade dos discentes responderam que estão preparados para lidar com crianças que possuem síndromes ou outros tipos de transtornos. Eles atribuem essa preparação à realização de cursos específicos e à experiência adquirida ao lidar com essas crianças em seus estágios no cotidiano, o que é visualmente muito importante para a carreira e futuros docentes. Aqueles que ainda não têm curso preparatório para atender a essas crianças com transtornos mencionaram que estão em processo de obtê-lo o quanto antes. Outra parte dos alunos respondeu que, mesmo tendo cursos especializados para atender a essas crianças com síndromes e transtornos, ainda não se sentem preparados para lidar com elas. Na percepção desses alunos, falta a prática direta com essas crianças para se sentirem mais confiantes e aptos para o atendimento. A última pergunta e a seguinte: **Se você está cursando Licenciatura em Letras - Língua Inglesa e precisasse oferecer orientação a outros estudantes na mesma graduação, que conselho ou apoio você forneceria?**

Para esta resposta, os alunos indicaram que, ao oferecerem conselhos a outros estudantes da mesma graduação, enfatizariam a importância de não desistir do curso e perseverar com determinação, destacando que, com dedicação, tudo se encaminhará positivamente. Ao iniciar, certifique-se de que realmente gosta do curso e analise o que o motivou a cursar Letras - Língua Inglesa. Avalie se é isso que deseja para o seu futuro profissional, se identificar com a área, se gosta de trabalhar com diferentes faixas etárias, se tem afinidade com o inglês e ao entrar na faculdade, é aconselhável ter pelo menos um conhecimento básico do idioma. Segundo Almeida (1993):

o aprender uma língua é (...) aprender a significar nessa nova língua e isso implica entrar em relações com outros numa busca de experiências profundas, válidas, pessoalmente relevantes, capacitadoras de novas compreensões e mobilizadoras para ações subsequentes. (p. 15).

Logo, não se esqueça de aprimorar seu inglês, caso não possa fazer um curso, para melhor desenvolvimento dos estudos. Não desista, por mais desafiador que possa parecer. Durante o curso, você aprenderá metodologias, métodos e como aplicá-los em sala de aula, moldando seu perfil como professor. Recomendaram também que cultivem perseverança e paciência, aproveitando os momentos positivos com colegas de classe, tanto dentro quanto fora da sala de aula. Aproveite cada professor que encontrar durante sua trajetória acadêmica, absorva seus conhecimentos e valorize suas aulas e disciplinas. O conselho é seguir no seu próprio ritmo, entendendo que o processo pode ser desafiador e requer sacrifícios. Por fim, dedique-se não apenas à faculdade e ao inglês, mas também a um equilíbrio geral em sua vida. Escolha esse caminho apenas se tiver certeza de que é sua verdadeira vocação. É uma jornada desafiadora, especialmente no nosso país, mas se for o seu sonho, siga em frente, porque valerá a pena. Ofereça ajuda aos colegas de graduação, reconhecendo a importância do apoio mútuo. Seja uma luz na vida das pessoas, dê o melhor de si e cuide da sua saúde mental, física e familiar. Não forme seus alunos apenas para passar em concursos; capacite-os para utilizar a língua buscando materiais de estudo de autores estrangeiros.

REFLEXÃO DA AUTORA

Diante do exposto, tornar-se um excelente professor de Licenciatura em Letras Língua Inglesa não é uma tarefa fácil. Segundo Freire (1996):

Um professor que não leva a sério sua prática docente, que, por isso mesmo, não estuda e ensina mal o que sabe, que não luta para que disponha de condições materiais indispensáveis à sua prática docente, se proíbe de concorrer para a formação da imprescindível disciplina intelectual dos estudantes. Anula-se, pois, como professor. (Freire, 1996).

Logo, requer um trabalho corajoso e contínuo, além de uma dedicação significativa. Muitos ingressantes nesse curso acreditam que, ao optar pela Licenciatura em Letras Língua Inglesa, aprenderão apenas a falar inglês e que a única perspectiva de trabalho é ser professor da língua. Mas, considerando tudo o que foi apresentado neste artigo, observamos que essa afirmação não é precisa. Existe uma vasta variedade de oportunidades de trabalho não apenas no Brasil, mas também no exterior, como por exemplo: Professor de Inglês em cursos preparatórios ou em universidades,

Tradutor/Intérprete, Revisor de Textos, Redator de Conteúdo, Consultor de Idiomas, Editor de Texto, Assessor de Comunicação, Linguista Computacional e mais.

Contudo, basta que a pessoa se esforce para poder aproveitar essas oportunidades de negócios. Entretanto, para aqueles que aspiram a se tornar professores de Letras - Inglês, percebe-se a presença de diversas dificuldades desde a graduação para alcançar a excelência no ensino da Língua. Segundo Cury (2003):

“Os educadores, apesar das suas dificuldades, são insubstituíveis, porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruístas, enfim, todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinadas por máquinas, e sim por seres humanos”. Cury (2003, p.65).

Logo, os educadores são indispensáveis porque ensinam valores humanos, como gentileza e solidariedade, que não podem ser aprendidos por máquinas. Professores de Letras - Inglês desempenham um papel vital não apenas na educação acadêmica, mas também no desenvolvimento emocional e social dos alunos. Tais desafios incluem a necessidade de fluência e domínio do idioma, obstáculos nas disciplinas acadêmicas, bem como dificuldades nos estágios supervisionados, entre outros fatores que podem levar o aluno a desanimar um pouco na qual já foram citados neste artigo.

É crucial compreender os desafios enfrentados pelos estudantes do curso de Licenciatura em Letras Língua Inglesa, a fim de explorar alternativas para melhorias. Algumas sugestões que poderiam beneficiar os estudantes universitários matriculados no curso de Língua Inglesa incluiriam a realização de um curso de inglês antes ou no início da graduação. Isso proporcionaria um aprimoramento significativo no desempenho acadêmico, especialmente nas disciplinas que abordam a Fonética e a Morfologia da Língua Inglesa. Outra sugestão valiosa consistiria em estabelecer metas de estudo claras, dedicando tempo à leitura de livros e textos em inglês. Manter um contato regular com os professores da área para esclarecer dúvidas e obter orientações adicionais também se revela fundamental. Além disso, a busca por oportunidades de imersão, como intercâmbios ou programas de estágio em países de língua inglesa, pode enriquecer significativamente a experiência de aprendizado. Utilizar recursos online, como aplicativos específicos para a língua inglesa, pode ser uma estratégia eficaz para aprimorar a pronúncia e a escrita, proporcionando, adicionalmente, a oportunidade de interagir com falantes nativos.

As dificuldades apresentadas neste artigo têm o propósito de auxiliar o leitor

interessado na carreira de professor de Língua Inglesa a tomar uma decisão mais informada e tranquila ao escolher sua graduação em Licenciatura em Letras Língua Inglesa. Diversos desafios foram mencionados aqui, e é relevante que o leitor esteja ciente deles e pronto para lidar com tais situações. Um aspecto significativo abordado neste artigo é que muitos estudantes desse curso escolheram a Licenciatura em Letras Língua Inglesa devido às influências dos seus próprios professores em sala de aula. Isso ressalta a importância de ter um professor durante o processo de aprendizagem, desde o período da escola até a graduação.

Contudo, o estudante que decidir ingressar na carreira de professor de inglês deve estar ciente da extensão e da constância desse processo, que pode ser exigente e contínuo. Este artigo examina as trajetórias de outros estudantes universitários e educadores, abordando questões cruciais para aqueles que estão no início da graduação em Licenciatura em Letras Língua Inglesa ou para aqueles que têm interesse na área, que possam seguir esses caminhos de forma mais sabia e tranquila.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, portanto, a partir dos resultados analisados nesta pesquisa, que os desafios enfrentados pelo professor de Licenciatura em Letras Língua Inglesa, desde o início da graduação até sua formação inicial são numerosos, mas não são difíceis de serem analisados e enfrentados por estudantes universitários que almejam se tornar professores na área de Licenciatura em Letras Língua Inglesa. Portanto, a progressão dos futuros professores está em suas próprias mãos. Este artigo também evidenciou a importância de compreender a trajetória dos futuros professores da Licenciatura em Letras Língua Inglesa, visando atenuar desafios enfrentados durante a graduação. Os estudos neste artigo apontaram que é viável realizar a formação acadêmica por meio de abordagens mais eficientes ao longo do curso.

É crucial destacar que nenhum percurso é isento de dificuldades, e alcançar a excelência como professor de Licenciatura em Letras Língua Inglesa demanda um processo de aprendizado árduo e contínuo. Para estudantes que almejam a carreira de Professor de Inglês, é essencial frequentar uma faculdade de qualidade, participar de cursos de línguas e estabelecer boas relações não apenas na faculdade, mas também durante estágios supervisionados e em outros contextos. Realizar todas as atividades

acadêmicas com dedicação é crucial. Contudo, à medida que os aspirantes a profissionais se especializam em novos programas, concursos, mestrados e outros, isso certamente irá beneficiar suas trajetórias profissionais.

O estudo permitiu promover reflexões sobre a jornada do futuro educador de Letras Inglês, pois apresenta testemunhos reais de estudantes em formação e professores na área que enfrentaram dificuldades ao longo de todo o processo até atingirem a excelência como docentes. E por fim, a pesquisa ficará registrada para atrair interesse e fomentar discussões sobre o tema, visando a colaboração na elaboração de futuros projetos. Dado que esse tema é de grande importância para aqueles que buscam seguir a profissão de professor na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa.

Agradecimentos

Expresso meus sinceros agradecimentos, primeiramente a Deus e ao meu anjo da guarda, por sua constante presença ao meu lado, guiando-me e impedindo que o mal se aproxime. Quero expressar minha profunda gratidão pelo dedicado apoio da minha incrível mãe, Joelma Mafra. Ela nunca duvidou dos meus sonhos, acompanhando-me desde os primeiros dias na faculdade até seu término, esforçando-se significativamente para contribuir com metade dos meus estudos. Estendo meus agradecimentos calorosos à minha segunda mãe, Delegada Cândida Magalhães, por sua participação nos últimos dois anos e meio da minha graduação, sempre acreditando no meu potencial profissional. Agradeço imensamente ao meu melhor amigo ao longo desses quatro anos, Fabrício Benício, que depositou sua confiança na minha responsabilidade.

Expresso minha profunda gratidão por ter contado com a orientação do Mestre Davi Braga por ter aceitado ser meu orientador na disciplina sem pensar duas vezes e acreditar no meu potencial. Também expresso meu agradecimento ao Professor Rafael Amoêdo pela valiosa oportunidade de aprender com seus ensinamentos na disciplina de TCC II. Expresso minha profunda gratidão pela oportunidade de contar com a presença do Professor Cícero Ferreira ao longo de toda a minha graduação. Ele não apenas transmitiu conhecimentos, mas também me elucidou sobre o verdadeiro valor de ser um professor de Língua Inglesa. Agradeço sinceramente.

Gostaria de expressar minha gratidão a um notável homem, meu amor Eudson Miranda a quem amo e que me inspira tanto, que prestou assistência com sua

inteligência e amor e que foi em minha defesa prestigiar a minha nota máxima neste artigo. Por fim, a minha querida Dona Denize Lopes, a quem Deus abençoe por sua generosidade e apoio, inclusive pela paciência demonstrada ao imprimir inúmeras cópias deste artigo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J.C.P. (2010) **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas: Pontes.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Dimensões comunicativas no ensino de língua. 4. ed.** Campinas: Pontes, 2007.

BRASIL. **Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Brasil. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: [24.11.2023].

BROWN, H. D. **Principles of Language Learning and Teaching 4. ed.** New York: Longman, 2000.

Cury. Augusto Jorge, 1958-**Pais brilhantes, professores fascinantes** /Augusto Cury, - Rio de Janeiro : Sextante. 2003

Ensino de Língua Inglesa: reflexões e experiências. Campinas, SP: Pontes, 1996. p. 9-29.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)**. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Annus Muchail. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Paulo (1996). **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra.

HARMER, J. **How to teach English**. England: Pearson Education Ltda, 2010.

HOLDEN, S. **O ensino da língua inglesa nos dias atuais**. São Paulo: SBS, 2009.

KRASHEN, S. D. **Principles and Practice in second language acquisition**. Oxford, Pergamon Press, 1982.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. Edição: 03

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. Edição: 03 Petrópolis (RJ): Vozes; 2010.

MOACYR, P. **A instrução e o império**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936. 3. v.

MORAES, R. **Análise de conteúdo**. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, 2006.
OLIVEIRA, Luiz Eduardo Meneses de. **A instituição das línguas vivas no Brasil: o caso da Língua Inglesa (1809-1890)**. Tese de Doutorado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Histórica, Política e Sociedade. São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, L. E. M. de. **A historiografia brasileira da literatura inglesa: uma história do ensino de inglês no Brasil (1809-1951)**. 189 f. 1999. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1999.

PAIVA, V.L.M.O. (org). **Ensino de língua inglesa: reflexões e experiências**. Campinas, SP: Pontes Editores, 3ª Ed. 2005.

PAIVA, V. L. M. de O. e. **A língua inglesa no Brasil e no mundo**. In: PAIVA, V. L. M. de O. e (org.).

RICHARDS, C.J.; RODGERS, T.S. **Approaches and methods in language teaching**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

RILEY, P., ed. **Discourse and Learning**. New York, Longman, 1985.

v. 2 n. 1 (2022): "A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo"- Nelson Mandela (1918).

Capítulo 4
A RELEVÂNCIA DA PRÁTICA DE LEITURA NO CONTEXTO
HISTÓRICO

Valdete de Souza Silva

Michela Cristina da Silva

Naiara Silva dos Santos

Rosana Soares Dos Santos

Wagner Dos Santos Ribeiro de Abreu



A RELEVÂNCIA DA PRÁTICA DE LEITURA NO CONTEXTO HISTÓRICO

Valdete de Souza Silva

*Universidade Estadual de Mato grosso do Sul – UEMS
Licenciatura em Ciências Biológica e Normal Superior*

Michela Cristina da Silva

*Licenciatura em Letra e Inglês
Faculdade Integrada de Naviraí – MS*

Naiara Silva dos Santos

*Graduação em pedagogia pela UFMS/CPNV
Mestrado em Educação pela UFMS/CPTL*

Rosana Soares Dos Santos

*Licenciatura em Pedagogia
Universidade anhanguera polo Naviraí – MS*

Wagner Dos Santos Ribeiro de Abreu

*Licenciatura em Matemática
Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG*

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir a prática de leitura na clientela escolar e porque não, na sociedade, visando instigar o hábito pela leitura, através de diversos gêneros literários, mostrando que este é o caminho para a promoção do ser humano. Para atingir os objetivos propostos foi realizada revisão bibliográfica, a fim de buscar informações referentes a esta problemática, ou seja, Pesquisa Qualitativa de Caráter Bibliográfico. O levantamento bibliográfico sobre o interesse do aluno pela leitura demonstra que os meios eletrônicos vêm ocupando o lugar que antes era do livro. Como reverter isso, diante de um universo que o incentivo familiar pela leitura tem sido pouco? Os governantes quase não

investem em políticas que favorece ao educando a adquirir o hábito de ler e as bibliotecas estão sucataadas. Tendo em vista que a leitura é fonte de conhecimento ao leitor e deste modo abre um leque de opções para que o mesmo veja o mundo com outros olhos. O aprofundamento desta pesquisa é essencial para o enriquecimento pessoal e a compreensão do mundo.

Palavras-chave: aluno, leitura, escola, sociedade e educação.

1. INTRODUÇÃO

No presente trabalho procuramos conceituar leitura e sua importância diante do contexto social. Levando em consideração que a mesma proporciona ao leitor uma fonte inesgotável de conhecimento e prazer.

Fundamentada em referências bibliográficas de renomes nacionais e internacionais em que todos afirmam a leitura como instrumento de combate a desalienação concepção de saber.

Nesse sentido questionamos qual a importância da leitura dentro do contexto escolar, diante do desinteresse demonstrado pelos alunos na atualidade. Para responder tal questionamento levantamos as seguintes hipóteses: a falta de estímulos e hábito familiar pode comprometer a formação da criança leitora; a falta de estímulo na Pré-escola, Séries iniciais, Ensino Fundamental e Médio; pode levar a criança ao desinteresse pela leitura na vida adulta; a falta de contato com os livros com seus altos custos; o fácil acesso com o rico mundo eletrônico e o contraste com o acervo bibliotecário.

Justificamos a intenção da pesquisa, pois consideramos que a leitura é importante tanto para a memória quanto para vida, pois visa o desenvolvimento das capacidades intelectuais e sociais, possibilitando ao cidadão a integração com o meio em que vive à sociedade.

Considerando que a mesma é fundamental para o desenvolvimento, a ampliação de informações, conhecimento, cultura e prazer. Bem como, elemento de combate a alienação, alienação e submissão humana.

Como objetivo geral procura discutir a relevância no contexto educativo e social.

Como objetivos específicos pretendemos conceituar a leitura em seus diferentes gêneros; sinalizar os índices dos “provões” realizados no contexto nacional; sugerir atividades envolvendo a leitura como instrumento pedagógico, no sentido de contribuir para que professores e alunos desenvolvam o gosto e o hábito pela mesma.

Como metodologia de trabalho, optamos pela Pesquisa Qualitativa de Caráter Bibliográfico.

No primeiro momento apresentamos a importância da leitura para o desenvolvimento e aprendizagem do aluno: conceituamos a leitura no âmbito bibliográfico na visão detalhada de diversos autores e sua importância diante da realidade apresentada.

Já no outro momento fazemos uma reflexão da leitura no contexto da sala de aula: Uma proposta de intervenção:

O objetivo deste capítulo não é só sugerir algumas literaturas para incentivar os professores, mas também estimular os alunos no desenvolvimento do gosto pela leitura em sala de aula e inseri-la no cotidiano de forma prazerosa e sem traumas.

1.1 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA O DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM DO ALUNO.

Sabe-se que leitura é a construção de sentido atribuído a um texto, e que cada área de conhecimento a concebe com um olhar peculiar.

No passado, leitura significava, etimologicamente, eleger, e originalmente, o ato de escolher um ponto sobre o qual dissertar ou uma história para narrar. Era realizada em voz alta. O leitor era o que apresentava o texto oralmente. Atualmente, significa o ato de ler ou aquilo que se lê.

De acordo com Martins:

Desde os nossos primeiros contatos com o mundo, percebemos o calor e o aconchego de um berço diferentemente das mesmas sensações provocadas pelos braços carinhos que nos enlaçam. Começamos assim a compreender, a dar sentido ao que e a quem nos cerca. Esses também são os primeiros passos para aprender a ler. Trata-se, pois de um aprendizado mais natural do que se costuma pensar, mas tão exigente e complexo como a própria vida. Fragmentado e, ao mesmo tempo, constante como nossas experiências de confronto com nós mesmos e com o mundo (MARTINS, 2004, p. 11-12).

Cada sensação ou contato obtido no decorrer de nossas vidas são experiências diferentes e exigem de nós o aperfeiçoamento destes para transformá-los em novos aprendizados.

Para Abramovich, ler é um jeito de compreender o mundo:

Para mim, sempre significou abrir todas as comportas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens... Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso! (ABRAMOVICH, 1997, p. 15).

Através da leitura é possível viajar pelo mundo dos sonhos e da imaginação. Além de ser extremamente prazeroso.

Para Freire (2006, p. 12) primeiro a leitura do mundo, “do pequeno mundo me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo da minha escolarização, foi a leitura da palavramundo”. De acordo com o autor, a palavramundo é uma leitura voltada à realidade dos sujeitos, significativa e contextualizada. É, ainda, a leitura crítica que proporciona ao leitor transformar sua própria consciência e, com isso, transformar a realidade social.

Segundo Gadotti (1995, p.30), “Paulo Freire não considera o papel informativo, como ato de conhecimento na relação educativa, mas insiste que o conhecimento não é suficiente se, ao lado e junto deste, não se elaborar uma nova teoria do conhecimento”.

Desse modo, subentende-se que este conhecimento e este saber, citado por Freire, só se dá por meio da leitura. Ou seja, sem leitura, os oprimidos não poderão adquirir uma nova estrutura do conhecimento que lhes permitam reelaborar, reordenar seus próprios conhecimentos e apropriar-se de outros.

De acordo com esse pensamento, o saber adquirido por meio do estudo e da leitura é um impulso que favorece a ruptura de barreiras impostas pelos governantes e detentores do poder. Apesar de não ser mais importante do que foi no passado, a leitura continua portadora do conhecimento e transmissora de descobertas, porém, hoje, todos têm direito aos livros e às leituras, basta querer. Ao contrário do passado, o acesso é livre, não mais restrito a uma pequena parcela da sociedade.

Atualmente, não basta a uma pessoa concluir os estudos escolares. É preciso continuar se auto-educando; daí o novo significado dos livros e da leitura. Na verdade, o ser humano sente a necessidade de ir além, de aumentar a sua capacidade crítica, de desenvolver o seu intelecto, já que todo bom leitor é um bom aprendiz.

Nesse sentido, Silva afirma que:

Levando em consideração as contradições presentes na sociedade brasileira, ler é, numa primeira instância, possuir elementos de combate à alienação e a ignorância. Para ser compreendida, esta definição deve

levar em conta à própria estrutura subjacente à sociedade brasileira, ou seja, a dicotomia das classes sociais, mantida pela ideologia (ou visão do mundo) da classe que está no poder. Dominar o mecanismo da leitura e ter acesso àqueles livros que falam criticamente e a respeito da estrutura, enfim, injusta da nossa sociedade é ser capaz de detectar aqueles aspectos que, através das manobras ideológicas servem para alienar, massificar e forçar o povo a permanecer na ignorância. Dessa forma, a pessoa que sabe ler e executa essa prática social em diferentes momentos de sua vida tem a possibilidade de desmascarar os ocultamentos feitos e impostos pela classe dominante, posicionar-se frente a eles e lutar contra eles (SILVA, 2003, p.49).

Mais especificamente, o ato de ler se constitui num instrumento de luta contra a dominação. Sabemos que o acesso à escrita (ao livro) em nossa sociedade aparece como um privilégio de classe, comprovado historicamente. A manipulação do povo ocorre através de uma real contradição: ao mesmo tempo em que se prega o valor do livro e da leitura, tenta-se esconder o fato de que as condições de produção da leitura não são tão concretas assim.

A existência de um volumoso número de analfabetos, a inexistência de bibliotecas populares, a ausência de uma política para a promoção à leitura, etc. são em verdade, fenômenos muito bem “calculados” pelo poder dominante, isto porque uma pessoa letrada, que possui a capacidade de penetrar nos horizontes colocados em livros e similares, é capaz de colher subsídios para posicionar-se frente aos problemas sociais. A presença de leitores críticos sem dúvida incomodaria bastante a política da ignorância e da alienação, estabelecida pelos regimes ditatoriais e disseminada através dos aparelhos ideológicos do estado (SILVA, 2003, p. 49).

Nesse contexto, concordando com o autor, percebe-se que o que interessa para a classe dominante, hoje, é realmente diminuir a quantidade de analfabetos e não a capacidade de leitura da sociedade.

Temos de considerar, ainda, que estamos vivendo numa sociedade letrada. Isto quer dizer que os veículos escritos são necessários à própria sobrevivência e atualização dos homens nesse tipo de sociedade. E se as etapas evolutivas da civilização garantem à sociedade a condição ou categoria de “letrada”, isto quer dizer a formação de leitores se coloca como uma responsabilidade do estado (SILVA 2003, p. 50).

Assim, “ler” é um direito de todos os cidadãos; direito este que decorre das próprias formas pelas quais os homens se comunicam nas sociedades letradas. A presença de analfabetos no Brasil não nasce por acaso ou porque os indivíduos optaram por não-

ler; o problema é que as autoridades não estão interessadas em desenvolver o gosto pela leitura junto a todos os segmentos da população.

A leitura crítica é a condição para a educação libertadora, é condição para a verdadeira ação cultural que deve ser implementada nas escolas e nas bibliotecas. A explicitação desse tipo de leitura, que está longe de ser mecânica isto é, não geradora de novos significados, será aqui feita através da caracterização do conjunto de exigências com o qual o leitor crítico se defronta ao confrontar um texto escrito, ou seja, CONSTATAR, COTEJAR e TRANSFORMAR (SILVA, 2003, p. 51).

Para o autor supra citado, no primeiro momento é preciso o aluno entender o conteúdo do texto, a intencionalidade do autor, sendo assim, ele questiona, aprecia com criticidade, levando-o a refletir todas as idéias feitas durante a leitura podendo chegar à transformação, ou seja, agir de modo consciente sobre o conhecimento obtido.

Na perspectiva discursiva, Orlandi (1993), citado por Almeida “vê a leitura como questão de interpretação e atribuição de sentidos. Podendo ensiná-la e trabalhá-la, entendendo que leitura e sentidos são inseparáveis, somente assim, se tornará significativa” (ALMEIDA, 2006, p.239).

Segundo a autora:

O sujeito-leitor tem suas especificidades e sua história; sujeito e sentido são determinados historicamente e ideologicamente; há multiplicidade e variedade dos modos de leitura; a nossa vida intelectual está intimamente relacionada aos modos e efeitos de leitura de cada época e segmento social. Ou seja, leitura é trabalho intelectual. É processo de significação, logo, de interpretação crítica de um leitor ativo, o qual atribui sentidos aos textos lidos e não apenas decodifica-os (ALMEIDA, 2006, p. 239).

A leitura é um instrumento valioso para a apropriação de conhecimentos relativos ao mundo exterior, além disso, pode se constituir também em um poderoso instrumento para o autoconhecimento.

Nessa perspectiva, Moraes argumenta que:

Não lemos todos um mesmo texto da mesma maneira. Há leituras respeitadas, analíticas, leituras para ouvir as palavras e as frases, leituras para reescrever, imaginar, sonhar, leituras narcisistas em que se procura a si mesmo, leituras mágicas em que seres e sentimentos inesperados se materializam e saltam diante de nossos olhos espantados (MORAIS, 1996, p.13).

As pessoas lêem, buscando na leitura algo que satisfaçam seus anseios e perspectivas. Leituras que demonstrem aquilo que melhor identifique e traga lição para si através das personagens.

Segundo o autor:

Para que a interação sujeito / texto seja fonte de criação e elaboração de uma palavra pessoalizada, singular, é necessário que a leitura passe a fazer parte de nossos gestos diários, é preciso sentir necessidade de ler. Necessidade de ler suscitada por desafios diversos: querer conhecer, apoderar-se de bens culturais guardados pela escrita, descobrir outros mundos, perceber e buscar outras leituras que “conversem” com sua leitura (intertextualidade), ou que conversem com o leitor... São desafios que podem gerar prazer, estimular repertórios ativos ou latentes, fazer sonhar, ajudar a ler e ver o mundo (MORAIS, 1996, 13).

O mundo, hoje, é caracterizado pela circulação de um grande e diversificado volume de informações. A capacidade de ler e de interpretar textos em múltiplas linguagens é imprescindível, estamos vivenciando o desenvolvimento tecnológico e isto requer um leitor competente, um leitor que, diante de um texto escrito, tenha autonomia suficiente para realizar operações que vão desde a decodificação da mensagem no seu aspecto literal até o estabelecimento de um conjunto mínimo de relações estruturais, contextuais que ampliem a significação do texto a tal ponto que haja, efetivamente, apropriação da mensagem, do significado na multiplicidade de relações estabelecidas entre texto e leitor, entre texto e textos, entre texto e mundo.

A criança ou pré-adolescente que, desde cedo, entra em contato com o livro literário e outros gêneros terão uma compreensão maior de si e do outro; terá oportunidade de desenvolver seu potencial criativo e alargar seus horizontes da cultura e do conhecimento, terá, ainda, uma visão melhor do mundo e da realidade que o cerca.

Incentivar o ato da leitura às vezes se torna difícil, pois existem os mais variados meios de comunicação que atraem os alunos e desviam o contato com os livros e as possíveis visitas às bibliotecas. O que se percebe é um distanciamento da riqueza proporcionada pela leitura, tanto em casa como na escola.

Como ressalta Bamberger:

Nos últimos decênios, com os desenvolvimentos econômicos, sociais e tecnológicos, é que surgiu a necessidade da sociedade de desenvolver as potencialidades intelectuais e espirituais de aprender e progredir. Este desenvolvimento de interesses e hábitos de leitura é um processo constante que se inicia no âmbito familiar, se aperfeiçoa na fase escolar e se perpetua pela vida afora (BAMBERGER, 2002, p. 09).

Segundo o autor, “houve um tempo em que a leitura era considerada apenas um meio de transmitir informação. Hoje, é definida como um processo mental que contribui para o desenvolvimento de intelecto, já que o ato da leitura exige concentração”.

Bamberger (2002, p.10) afirma que “a leitura é uma forma exemplar de aprendizagem que resulta da capacidade de aprender como um todo, que vai além da percepção. Assim como um dos mais eficazes meios de desenvolvimento da linguagem e da personalidade”.

De acordo com o autor (2002 p.11), a leitura iniciada precocemente é considerada como base para a vida da criança, devendo ser incentivada antes mesmo da idade pré-escolar, através da narração de histórias e da leitura em voz alta.

Contextualizando, Smith (1999), citado por Almeida, argumenta que:

Ler não é decodificar palavras. Todo leitor lê pelo significado, tentando responder sempre a alguma pergunta, portanto, o leitor lê com alguma intenção, tendo em mente obter objetivos. O leitor ao ler dá sentido à escrita, por isso, a leitura é um ato significativo, construtivo e criativo, não passivo (ALMEIDA, 2006, p. 233).

Pensando nos conceitos apresentados, pode-se entender que a leitura e o seu aprendizado não são espontaneísta, ampara-se em contextos de usos sociais, em conhecimentos prévios do educando. Representa uma sociedade dividida em classes sociais, por isso há leituras que são mais valorizadas que outras.

Desse modo, observa-se que tanto Freire quanto Smith entendem que as verdadeiras leituras – leituras significativas - necessitam desconsiderar a simples decodificação da letra, ou palavras; o ato de ler passa pela significação, compreensão e interpretação. Sendo assim, a leitura não é neutra, sempre há uma intenção por trás de todo ato de ler.

Ainda dentro da psicolinguística, Smith (1999) citado por Almeida considera que.

A leitura como uma prática social; ao ler o leitor imprime, neste ato, sua leitura de mundo, que nada mais é que os valores, crenças, trazidos pela cultura e pelo grupo social a que pertence. O ato de ler é também, uma atividade intelectual, um processo psicológico em que o leitor utiliza diversas estratégias baseadas no seu conhecimento lingüístico, sociocultural e enciclopédico (ALMEIDA, 2006, p. 233).

Ao ler, adquire-se um vasto conhecimento social, cultura e intelectual promovendo desta forma o enriquecimento de seu vocabulário e expandindo o mesmo na comunidade em que está inserido.

Nesse sentido, de acordo com Kleiman:

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ela já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento lingüístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interage entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão. (KLEIMAN, 2004, p. 13).

Referindo-se a sociolingüística, de acordo com Soares (1995), citado Almeida, “leitura também é questão social, que não está dissociada do contexto social dos leitores. É uma interação verbal de indivíduos socialmente determinados. É instrumento de reprodução, espaço de contradição e fundamentalmente um processo político”. (ALMEIDA, 2006, p. 234).

De acordo com Zilberman (1991), citado por Almeida:

A leitura é também um processo historicamente determinado expressando os anseios da sociedade podendo apresentar-se como instrumento de controle, auxiliando grupos sociais privilegiados ou que detém o poder para a permanência do status. Pode servir, ainda, de instrumento de alienação, produtora de uma sociedade harmoniosa (ALMEIDA 2006, p. 234).

As pessoas que não detêm o conhecimento, adquirido através da leitura, são de certa forma controladas por aquelas que possuem este conhecimento. Servindo também, de instrumentos de manobras políticas permitindo a permanência destas no poder.

Os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) de Língua Portuguesa salientam que:

A leitura da literatura de ficção e não-ficção, de jornais e revistas, enfim, dos diferentes gêneros que circulam na sociedade é um modo da escola cumprir seu papel de favorecer condições para que os alunos, continuamente, aumentem seus saberes e, em consequência, desenvolvam o raciocínio, o senso crítico, a compreensão do real, as curiosidades intelectuais, essenciais para a construção de uma sociedade mais politizada (BRASIL, 2001, p. 92).

Desse modo, antes de o aluno entrar em contato com os textos o professor promove situações que tragam à memória intermediária dos alunos os conhecimentos que já têm sobre o assunto contemplado, para que este faça comparação do assunto com o citado pelo autor, havendo assim uma interação.

De acordo com os PCNs de Língua Portuguesa:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que sabe sobre a língua: característica do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. Trata-se de uma atividade que implica compreensão na qual os sentidos começam a ser constituído antes da leitura propriamente dita (BRASIL, 2001, p. 53).

Interagir pela linguagem significa realizar uma discursiva: dizer alguma coisa a alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias de interlocução. Isso significa que as escolhas feitas ao produzir um discurso não são aleatórias, ainda que possam ser inconscientes, mas decorrentes das condições em que o discurso é realizado. Isto é, quando um sujeito interage verbalmente com o outro, o discurso se organiza a partir das finalidades e intenções do locutor, dos conhecimentos que acredita que o interlocutor possua sobre o assunto, do que supõe serem suas opiniões e convicções, simpatias e antipatias, da relação de afinidade e do grau de familiaridade que têm da posição social e hierárquica que ocupam. Isso tudo determina as escolhas do gênero no qual o discurso se realizará, dos procedimentos de estruturação e da seleção de recursos lingüísticos.

A noção de gênero refere-se, assim, segundo os PCNs, as famílias de textos que compartilham características comuns, embora heterogêneas, como visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literariedade, por exemplo, existindo em número quase ilimitado.

A leitura na escola tem sido um objeto de ensino. Para que possa constituir também objeto de aprendizagem é necessário que faça sentido para o aluno, a atividade de leitura deve responder do seu ponto de vista a objetivos de realização imediata.

Como se trata de uma prática social complexa, se a escola pretende converter a leitura em objeto de aprendizagem deve preservar sua natureza e sua complexidade, sem descaracterizá-la. Isso significa trabalhar com a diversidade de objetivos e modalidades que caracterizam a leitura, ou seja, os diferentes “para quês” e com as diferentes formas de leitura em função de diferentes objetivos e gêneros: ler buscando as informações relevantes, ou o significado implícito nas entrelinhas, ou dados para a solução de um problema (BRASIL, 2001, p.53-55).

Segundo os PCNs, para aprender a ler, é preciso interagir com a diversidade de textos escritos; negociar o conhecimento que já se tem e o que é apresentado pelo texto,

o que está atrás e diante dos olhos recebendo incentivo e ajuda de leitores experientes. Uma prática constante de leitura na escola pressupõe o trabalho com a diversidade de objetivos, modalidades e textos que caracterizam as práticas de leitura de fato.

Diferentes textos exigem uma modalidade de leitura. Para tornar os alunos bons leitores a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler requer esforço, precisará fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência.

Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente. Formar leitores é algo que requer condições favoráveis para a prática de leitura, que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis. Na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto mais determinante da prática e do gosto pela leitura (BRASIL, 2001, p. 78).

Ainda, segundo os PCNs de Língua Portuguesa, a biblioteca escolar é fundamental para as práticas de leituras. Na biblioteca é necessário que sejam colocados à disposição dos alunos os mais variados gêneros: livros de contos, romances, poesia, enciclopédias, dicionários, jornais, revistas, livros de consulta das diversas áreas de conhecimento, almanaques, revistas de literatura de cordel, textos gravados em áudio e em vídeo, coletâneas de contos, trava-línguas, piadas, brincadeiras, jogos infantis, livros de narrativas ficcionais, dossiês sobre assuntos específicos, diários de viagem, matérias impressos e também aqueles que são produzidos pelos alunos (PCNs 2001, p.92).

Nesse sentido, Martins afirma que:

A idéia de leitura está normalmente ligada a livros, jornais, revistas. O ato de ler é usualmente relacionado com a escrita, e o leitor visto como decodificador da escrita. Lêem-se palavras e nada mais. As ciganas, dizem ler a mão humana, e os críticos afirmam ler um filme, o fato é que, quando escapa dos limites do texto escrito, o homem não deixa necessariamente de ler. Lê o mapa astral, o teatro, a vida, forma a sua compreensão de realidade (MARTINS, 2004, p.17)

De acordo com a autora, quando os conhecimentos são adquiridos a partir de uma situação, começamos estabelecer relações entre as experiências e os problemas que esta nos apresenta, daí procede à leitura que nos habilitam a ler tudo e qualquer coisa, dando a impressão do mundo estar ao nosso alcance para compreendê-lo e até modificá-lo à medida que incorporamos experiências de leitura.

O educando muitas vezes só tem acesso ou contato com os livros na escola com os chamados livros didáticos, que geralmente transmitem uma visão de mundo anacrônica, repressiva, repleta de falsas verdades, a serviço de ideologias autoritárias. Sem dúvida, a concepção que liga o gosto de ler apenas aos livros deve muito à influência, persistente no nosso sistema educacional, de uma formação eminentemente livresca e defasada em relação à realidade (MARTINS, 2004, p. 25).

O contexto escolar, geralmente traz embutido nos livros didáticos, uma idéia destorcida e engessada da realidade que cerca o aluno.

O papel da escola, nesse sentido, é fundamental ao que se refere à leitura em sala de aula e na biblioteca. Pois a mesma deve possibilitar ao aluno, além do prazer por freqüentar aquele espaço, o gosto pela leitura a transformação e a efetivação em conhecimento específico.

Para Cereja, citado por Bencini:

O tempo destinado à leitura por prazer nas escolas é pouco. As escolas formam poucos leitores e não instigam o gosto pelos livros, por misturar a literatura com atividades didáticas: Com razão, os estudantes não gostam quando precisam fazer resumos ou preencher fichas após a leitura de um romance ou um conto. Afinal, se o negócio é ler por prazer, não há sentido em exigir tarefas que não tem nenhuma relação com isso (BENCINI, 2006, p.32).

Vários especialistas lingüísticos recomendam trabalhar não apenas “leitura”, mas todas as leituras que se apresentam no nosso dia-a-dia: textos para buscar informações práticas, satisfazer curiosidades, informar-se sobre o que acontece no mundo, divertir-se, aprender, relacionar-se com as pessoas, fazer amigos.

Em seu livro “Como incentivar o hábito de leitura” Bamberger afirma que:

As bibliotecas são meios para o desenvolvimento dos interesses de leitura e do hábito de ler e que só uma poderá satisfazer a todas as exigências do leitor. Uma das principais metas do ensino da leitura e acostumar o aluno a utilizar a biblioteca. (BAMBERGER, 2002, p. 76).

Segundo o autor, a visita de grande parte dos freqüentadores de biblioteca durante a vida, dependerá muito do que lhes foi apresentado na juventude e de que maneira isso aconteceu, da relação estabelecida.

Nesse sentido, Silva (2003, p.114) enfatiza que “o professor deve valorizar e incentivar a utilização da biblioteca para o desenvolvimento da leitura, além do estudo e pesquisa escolar”.

Nessa perspectiva, espera-se que haja na leitura o resgate da cidadania, e que o aluno se conscientize que é através desta que dará sentidos aos textos lidos. Este papel de responsabilidade de leitura compete a toda a sociedade, na qual a escola é apenas uma das parcerias.

2.1. A LEITURA NO CONTEXTO DA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.

Este capítulo tem como objetivo sugerir algumas obras para incentivar os professores a estimular os alunos no desenvolvimento do gosto pela leitura. Tendo em vista que a mesma é fonte inesgotável de conhecimento e diversão. É por meio dela que podemos viajar pelo mundo dos sonhos e provar de novas emoções. Se por um lado a prática da leitura pulveriza a cultura de um povo, a ausência desta potencializa o caos.

Diante do contexto lastimável, em que se encontra nosso país no ranking mundial em relação à leitura, e do repúdio por parte dos alunos em fazer da leitura um instrumento de conhecimento e prazer, pretende-se fazer, neste capítulo, o resumo de algumas obras interessantíssimas que deveriam ser lidas por todo estudante, a fim de que, desenvolva em seu intelecto o gosto pela literatura, tendo-as como seus primeiros passos em busca de outras.

Elencamos assim alguns autores de livros indicados às crianças e adolescentes que consideramos como grupos que menos acessam os livros e sim, dão preferência aos eletrônicos. Como, Este livro “Zezinho o dono da porquinha preta” trata da relação que tem as crianças com seus animais de estimação, a ponto de criar uma situação com o próprio pai para ficar com uma porquinha, como se esta fizesse parte da família.

Nunca é demais lembrar o peso e o significado da leitura na vida das crianças e dos adolescentes. É prova que as situações mostradas nas literaturas se identificam muito com seu universo de maneira que esta possa solucionar seus problemas e ainda compreender melhor o mundo a sua volta.

Não podemos esquecer as obras da autora Ruth Rocha que escreve seus livros com a intenção de interagir com seus leitores, aspectos relevantes de relacionamentos. Sua ficção mais famosa é “Marcelo, Marmelo, Martelo”, o qual já vendeu mais de um milhão de livros. Amplamente premiada e homenageada, foi distinguida com uma condecoração, a Comenda da Ordem do Mérito Cultural, entregue a ela pelo então Presidente Fernando

Henrique Cardoso, em 1998. Intensamente inspirada pelo escritor Monteiro Lobato, ela traduz essa atração por uma presença marcante em sua obra de uma temática social e política, com forte inclinação para o bom-humor e reflexos da preocupação da autora com os movimentos de liberação feminina.

Diante da linguagem explícita de Rocha este tipo de história serve não só para desconstruir a aula, como também, pontuar os conflitos existentes em sala de aula e de alguma forma tentar resolvê-los.

Já a autora Maria José Dupré, nasceu em Botucatu/SP, em 1905. Escritora de muita sensibilidade, escreveu vários livros, entre eles: Gina; A Casa de Ódio; Angélica; A Ilha Perdida, etc. Neste a autora viaja por um mundo de pura aventura. Conta a história de dois meninos, Henrique e Eduardo, de 12 e 14 anos, fortes e valentes, que moravam em São Paulo e, justamente no mês de novembro, época de férias, vão para fazenda de seu padrinho, onde têm dois primos: Quico e Oscar.

Passando pela eletrizante e inesquecível aventura de José Mauro de Vasconcelos. É oportuno dizer que este é um autor dotado de prodigiosa capacidade inata de contar histórias, possuindo fabulosa memória, candente imaginação e com uma volumosa experiência humana. E pensar que José Mauro de Vasconcelos não quis ser escritor, foi obrigado a sê-lo. Os seus romances, como lavas de um vulcão, foram lançados para fora, porque dentro dele o "eu" estava transbordando de emoções. Ele tinha de escrever e de contar coisas. Sua fenomenal produção literária, iniciada aos 22 anos de idade, ainda não chegou ao meio do caminho, porque o escritor está em plena ascensão, com inexauríveis reservas, que o levarão a posição ainda mais elevada nas letras nacionais.

Autor de belos romances, José Mauro, tinha métodos originalíssimos que dava asas à sua fantasia e, na imaginação, construía todo o romance, determinando até mesmo as frases da dialogação. Tinha uma memória que, durante longo tempo, lhe permite lembrar dos mínimos detalhes do cenário estudado. "Quando a história está inteiramente feita na imaginação", revelava o escritor, "é que começo a escrever. Só trabalho quando tenho a impressão de que o romance está saindo por todos os poros do meu corpo. Então vai tudo a jato".

Drummond Amorim, mineiro de Bocaiúva, formado em Filosofia, obteve duas dezenas de prêmios em âmbito nacional, entre outros, com seus romances e contos para adultos e jovens. Em "Beto, o analfabeto" Drummond Amorim conta a história de um super-herói danado de esquisito: triste, magrelo e fracote, até os companheiros o

estranhavam. Como ninguém sabia qual era a dele, Beto não tinha a menor importância e só podia ser motivo de gozação sem fim. Até que um dia- tem sempre um dia na vida dos Betos- aconteceu um milagre.

Graciliano Ramos nasceu em Quebrangulo (AL), em 1892 e faleceu no Rio de Janeiro, em 1953. No interior de Alagoas, fez seus primeiros estudos. Tentou o jornalismo no Rio de Janeiro. Regressou a Palmeira dos Índios (AL), cidade da qual foi prefeito, em 1928, renunciando ao cargo dois anos depois e passando a dirigir a Imprensa Oficial do Estado. Em 1933. Entre suas obras estão: Romance: Caetés (1933); São Bernardo (1936); Vidas secas (1938). Conto: Insônia (1947). Memórias: Infância (1945); Memórias do cárcere (1953); Linhas tortas (1962); Viventes das lagoas (1962). As duas últimas obras foram publicadas postumamente. Literatura infantil: Histórias de Alexandre (1944); Histórias incompletas (1946)

Graciliano aproveita o folclore nordestino para contar grandes histórias, como esta já citada: “Histórias de Alexandre”, e diz que é possível que algumas já tenham sido escritas. E aproveita a linguagem de Alexandre e os apartes de Casaria, sua esposa. No sertão do Nordeste vivia antigamente um homem cheio de conversas, meio caçador e meio vaqueiro, alto, magro, já velho, chamado Alexandre. Tinha um olho torto e falava cuspidando a gente, espumando como um sapo-cururu, mas isto não impedia que os moradores da redondeza, até pessoas de consideração, fossem ouvir as histórias que fanhosas que ele contava.

Já Ariano Suassuna, escritor nordestino de renome internacional teve seus livros traduzidos para diversas línguas e suas histórias se popularizam na televisão e no cinema. Dono de uma obra vigorosa, tendo recebido inúmeros prêmios.

Escreveu a comédia “O Santo e a Porca” em que a porca esconde um tesouro, sob a guarda de Santo Antônio.

Euricão, avaro, vive agarrado a sua porca de madeira que herdou de seus bisavôs e onde guarda seu tesouro. Cada centavo que ganhou durante toda sua vida foi para o “bucha” da porca, e outras.

Nessa esteira de clássicos considerados de grande importância no cenário cultural não poderia dispensar “O Pequeno Príncipe”. Embora pareça um livro escrito para crianças, é uma obra urgentíssima para adultos. Suas palavras possuem conotações mais profundas, que não poderão ser notadas em uma simples leitura. Esta obra pode ser considerada como Fábula, ou se preferir, Parábola. Esta é a história de um príncipe que

vivia em um pequeno planeta. O narrador anônimo encontra o pequeno príncipe quando seu avião cai no Deserto do Saara.

3. Considerações Finais

A busca por alternativas que viabilizem uma educação de qualidade e o gosto pela leitura instigou a produção deste trabalho, tendo a convicção de que a leitura constitui fonte de aprendizagem e de promoção do ser humano.

A realização deste trabalho permitiu também apontar indicadores que evidenciam os interesses de leitura sem ter a pretensão de esgotar o assunto, mas com intuito de constituir uma iniciativa e alavancar temas literários de interesses de toda a população.

O estudo bibliográfico feito no primeiro capítulo nos mostra que o ouvir, o contar histórias, constitui recursos para o enriquecimento, das experiências para a ampliação dos horizontes e o fortalecimento da imaginação, podendo contribuir para a construção do conhecimento de mundo.

Considerando que o ser humano adquire o hábito de ler ainda na infância, com a família, e se perpetua através do incentivo promovido pelo professor em sala de aula, ler e contar histórias torna-se atividade agradável e essencial ao seu imaginário, possibilitando ao mesmo um universo de conhecimento.

As conclusões obtidas foram significativas, pois poderão abrir caminhos para o aprofundamento do tema, através de novos estudos e perspectivas.

Este trabalho trouxe muito aprendizado no que diz respeito à leitura, levando em consideração as propostas dadas pelos autores estudados onde é unívoca a opinião de investir na diversidade dos gêneros e que é papel da escola, de todos os professores e de todas as disciplinas, ensinar e incentivar o aluno a ler.

Espera-se que para ilustrar este trabalho estudos subsequentes venham somar ao mesmo enriquecendo-o e contribuindo com a qualidade da educação deste país.

4. REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. - Literatura infantil – gostosuras e bobices, Sipione, 1997: São Paulo/SP: 5ª edição.

ALMEIDA, Maria de Fátima Xavier da Anunciação. **Educação sem Fronteiras: pedagogia, formação docente: Módulo Linguagem Ciência e produção do conhecimento.** Campo Grande: Ed. Uniderp, 2006.

BAMBERGER, R. Como incentivar o hábito de leitura, 7 ed. Ática/Unesco: São Paulo, 2002.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa / Ministério da Educação Fundamental. – 3. ed. – Brasília: A secretaria, 2001.

BENCINI, R. Nova Escola : **Todas as Leituras** : Agosto 2006.p.31 Revista Língua Portuguesa – Ed. Segmento Nº 19 2007 p.. 13 a 16. p. 24 Oficina de leitura: Teoria e Prática- 10ª ed. São Paulo: Pontes, 2004. Cole. Campinas, SP : Mercado de Letras, 1995. educarparacrescer.abril.com.br/.../materias_296171.shtml

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 21ª ed. São Paulo : Paz e Terra, 2006.

GADOTTI, M. **Pensamento pedagógico brasileiro** - 6ª ed. Editora Ática, 1995.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura.** 8.ed. São Paulo: Pontes,2004.

_____, **Oficina de leitura: Teorias e prática.** Campinas, SP : Pontes: Editora da Universidade de Campinas, 1993.

_____, **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 2006

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

Módulo Fundamentos da Educação/Linguagem, Ciência e Produção do Conhecimento – unidade didática – **Labortatório Integrado de Atividades Práticas I e II**, 2006, p. 234.

MORAIS, José. **A arte de ler.** São Paulo: Editora da Unesp, 1996.

SILVA, E. T. **Elementos da pedagogia da leitura.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____, **Leitura na escola e na biblioteca.** 2ª ed. Campinas, SP : Papiros, 2003.

SMITH, Frank. **Leitura Significativa.** Trad. Beatriz Affonso Neves. 3 ed. Porto Alegre : ARTES MÉDICAS SUL LTDA, 1999.

ZILBERMAN, R. **Leitura: ensino e pesquisa.** Campinas: Pontes 1989. Editora da Universidade de Campinas, 1993. (Coleção passando a limpo). AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION - ALA. Report of the presidential commitee on information literacy: final report. [S.l.], 1989.

Capítulo 5
LEITURA E PRODUÇÃO DO GÊNERO RESENHA CRÍTICA DE
CINEMA NA EDUCAÇÃO BÁSICA EM AULAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS
Natanael da Costa



LEITURA E PRODUÇÃO DO GÊNERO RESENHA CRÍTICA DE CINEMA NA EDUCAÇÃO BÁSICA EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Natanael da Costa

Graduado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa, especialista em Docência no Ensino Superior e mestrando em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), desenvolvendo pesquisa na área dos estudos da linguagem e práticas discursivas. Atualmente é professor efetivo da rede municipal de ensino de São Luís - MA, ministrando aulas de língua materna a estudantes do Ensino Fundamental Maior (6ª a 9ª séries). E-mail: natanaelcosta@yahoo.com

RESUMO

A partir da década de 60 a Linguística Textual, que inicialmente deu os seus primeiros passos na análise transfrástica, isto é: na ideia de texto como uma sequência coerente de frases, considerando-o como uma extensão da frase (Indursky, 2006), foi contaminada (no sentido positivo do termo) por visões funcionalistas e sociointeracionistas, as quais privilegiam as manifestações linguísticas socialmente situadas, com propósitos e elementos comunicativos muito bem definidos. Segundo Koch (2015), é a compreensão de texto como “lugar de interação entre atores sociais e de construção interacional de sentidos”. É assim porque não há mais de se falar em uma análise linguística meramente estrutural ou descritiva, tendo em vista que, acima de tudo, a língua serve para cumprir os propósitos sociocomunicativos do ser humano. Nesse sentido, conceitos como gêneros textuais são estudados a demasia por pesquisadores da área, o que não deixa de influenciar as abordagens pedagógicas do processo de ensino-aprendizagem de língua materna na educação básica, entendida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, número 9.394/96, doravante LDB, em seu artigo 4º, I, como o período desde a “Pré-Escola” ao “Ensino Médio”, assim denominados. Logo, sabe-se que é inevitável tratar a Língua Portuguesa em sala de aula a partir da interação e das práticas discursivas. Consoante Antunes (2003), “o que se pretende é levar os alunos a poderem falar, ler e escrever textos que digam com clareza e coerência o que é relevante ser

dito em cada situação em que ocorrem!”. A partir dessa ideia, propõe-se nesta pesquisa apresentar noções teóricas acerca do uso do gênero de texto “resenha crítica de cinema” na escola, tendo em vista os aspectos críticos, estruturais e interacionais desse gênero. Nas palavras de Martins (S/A), “educar pelo cinema no processo escolar significa ensinar a ver diferente. E não ver apenas pelo olhar e ser espectador passivo, mas aprender a ver criticamente através dos resumos e das resenhas de filmes”. Dessa maneira, espera-se desenvolver entre os educandos um clima de Letramento, ou seja: de efetivo envolvimento “nas práticas sociais de leitura e de escrita” (Soares, 2009).

Palavras-chave: Gêneros Textuais; Resenha Cinematográfica; Ensino.

INTRODUÇÃO

No Brasil, os denominados Parâmetros Curriculares Nacionais da educação básica são documentos oficiais os quais visam a orientar o processo de ensino-aprendizagem das disciplinas escolares. No caso específico da Língua Portuguesa, há a seguinte previsão:

Não é possível tomar como unidades básicas do processo de ensino as que decorrem de uma análise de estratos letras/fonemas, sílabas, palavras, sintagmas, frases que, descontextualizados, são normalmente tomados como exemplos de estudo gramatical e pouco têm a ver com a competência discursiva. Dentro desse marco, a unidade básica do ensino só pode ser o texto. (PCNs, 1998)

De acordo com a orientação normativa, portanto, a abordagem pedagógica da língua portuguesa em sala de aula deve ter, necessariamente, como objeto de análise o texto (“a unidade básica de ensino só pode ser o texto”). Isso em detrimento de abordagens prescritivas não contextualizadas. Essa proposta é oriunda da visão sociointeracionista da língua, que, nas palavras de Antunes (2003), “pode, de forma ampla e legítima, fundamentar um ensino da língua que seja, individual e socialmente, produtivo e relevante”. Isto é: o caminho para obter um ensino eficiente de Língua Portuguesa em sala de aula nasce a partir da concepção sociointeracionista e contextualizada da língua, que, na prática, implica na ampla utilização do texto para a análise linguística, análise essa sempre socialmente localizada e situada. Disso é mister questionar: afinal de contas, o que é o texto?

Consoante Marcuschi (2008), o texto é “um conjunto de enunciados que formam uma unidade de sentido e que é produzido por um sujeito com uma intenção comunicativa”. Nesse sentido, então, conclui-se que a unidade textual implica em

comunicação social, interação. Ou seja: para haver texto é necessário haver interação e troca entre sujeitos, sujeitos esses posicionados socialmente e até mesmo ideologicamente. Nesse contexto há ainda os propósitos sociocomunicativos, atendidos por meio da interação linguística, a qual, por sua vez, só há a partir do texto. Corrobora essa ideia Jakobson (2003), ao defender que “a linguagem deve ser concebida como uma parte integrante da vida social”. Ainda, Jakobson traz à luz “os fatores fundamentais da comunicação linguística: qualquer ato de fala envolve uma mensagem e quatro elementos que lhe são conexos: o emissor, o receptor, o tema (topic) da mensagem e o código utilizado.”

Portanto, em suma, apenas há linguagem na vida em sociedade, de maneira que a língua é o meio para que os usuários de uma língua construam suas relações a fim de terem as suas necessidades satisfeitas. Trata-se do aprofundamento da noção estruturalista de que a língua é o “produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade pelos indivíduos” (Saussure, 2021). É na língua que o ser humano existe. E essa comunicação acontece, como já mencionado, a partir do texto.

Voltando ao conceito de Marcuschi sobre o texto, o autor fala em enunciados, o que remete às posições de Benveniste e de Bakhtin. O primeiro, em *O aparelho formal da enunciação*, defende que “a enunciação é colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (Benveniste, 1989). Para Benveniste, há de se distinguir o funcionamento e as normas que regem as formas e os signos linguísticos do funcionamento da própria língua, que, segundo ele, dá-se por meio dos enunciados, que consistem na mobilização individual linguística do locutor (Benveniste, 1989). A ideia é ver

como o sentido se forma em palavras, em que medida se pode distinguir as duas noções em que termos descrever a sua interação. É a semantização da língua que está no centro deste aspecto da enunciação, e ela conduz à teoria do signo e à análise da significância. (Benveniste, 1989)

Em outras palavras, a questão aqui é observar o uso linguístico a partir da subjetividade do locutor (o “emissor” de Jakobson), dentro de suas condições sociais e interacionais. É nesse âmbito em que está o objeto enunciado.

Por outro lado, há de destacar também as contribuições do filósofo russo Mikhail Bakhtin sobre a questão dos enunciados. Bakhtin comenta que

o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. (Bakhtin, 2011)

Sobre isso, Fiorin (2022) afirma que

As unidades da língua são os sons, as palavras e as orações, enquanto os enunciados são as unidades reais de comunicação. As primeiras são repetíveis. Com efeito, um som como /p/, uma palavra como irmão, uma oração como *“É preciso ser forte”* são repetidos milhares e milhares de vezes. No entanto, os enunciados são irrepetíveis, uma vez que são acontecimentos únicos, cada vez tendo um acento, uma apreciação, uma entonação próprios. (Fiorin, 2022)

Nota-se aqui uma certa relação entre o que é defendido por Benveniste e por Bakhtin, uma vez que ambos reconhecem a existência das formas de uma língua, mas compreendendo que é preciso ir além, ou seja: tomar como base os enunciados nas manifestações enunciativas-discursivas, caracterizadas pelas condições discursivas de uso dentro das interações sociais. Trata-se, como já dito, da mobilização dos recursos linguísticos para o atendimento dos interesses e das motivações dos sujeitos. É exatamente por essa razão que Bakhtin

não nega a existência da língua e nem condena o seu estudo. Ao contrário, considera-o necessário para compreender as unidades da língua. No entanto, ele mostra que a fonologia, a morfologia ou a sintaxe não explica o funcionamento real da linguagem. Por isso, propõe a criação da translíngua, que teria como objeto o estudo dos enunciados, o que significa dizer o exame das relações dialógicas entre eles, dado que são necessariamente dialógicos. (Fiorin, 2022, p. 23)

No caso do arcabouço bakhtiniano, há um diferencial: o Dialogismo, que “são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados” (Fiorin, 2022), uma vez que “todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio.” (Fiorin, 2022). Benveniste postula algo parecido ao enfatizar que quando o locutor invoca para si as suas próprias construções enunciativas, ele inevitavelmente acaba assumindo a língua e implantando “o outro diante de si mesmo, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro. Toda enunciação, portanto, é, explícita ou implicitamente, uma alocação, ela postula um alocutário!” (Benveniste, 1989). Outrossim, Benveniste também que reconhece que “toda enunciação que supõe um locutor e um ouvinte, e no primeiro a intenção de influenciar o outro de alguma maneira” (Benveniste, 1974). Por outro lado, desse último posicionamento, mais recentemente, invoca-se a Análise da Argumentação

do Discurso, de Ruth Amossy, que também atrai para si a perspectiva bakhtiniana de Dialogismo e a relação entre enunciados, relação essa na qual “o sujeito aparece, então, como atravessado pelo interdiscurso, investido da palavra do outro e imerso em uma circulação discursiva generalizada que não possui exterioridade absoluta” (Amossy apud Macedo, 2005), para estudar a presença da argumentatividade dentro da realidade discursiva dos enunciados. Por isso, entre outras coisas, na Análise da Argumentação no Discurso,

o sujeito seria considerado, conforme o papel social que desempenha, como elaborador de um projeto persuasivo constrangido por fatores de ordem social, que definem a forma genérica e o pertencimento de sua fala a uma significação social dotada de lugares comuns e de argumentos próprios. Nesse sentido, o discurso e os modos de pensar e de dizer o mundo do locutor são necessariamente vistos como uma resposta, ainda que implícita, às palavras alheias ditas anteriormente. (Macedo, 2018)

Destarte, aplicando tais noções à ideia de texto, entende-se que esse tem como núcleo básico o enunciado, nos termos acima expostos. Ademais, infere-se também que uma vez que os textos possuem um caráter enunciativo, isso ratifica a sua natureza social e interacional e, mais uma vez, tem-se a língua como um meio de existência humana. Posição análoga é a defendida por Koch e Elias (2010), ao dizerem que texto é “uma unidade comunicativa que se realiza por meio da linguagem verbal, falada ou escrita, e que é composta por um conjunto de enunciados que se articulam para produzir um sentido.”

É essa a riqueza própria do texto, bem como da perspectiva sociointeracional da língua, a qual os Parâmetros Curriculares Nacionais fazem referência. E essa perspectiva ajuda a lidar com muitos dos anseios discentes, pois é inquestionável que os alunos da educação básica já levam consigo à escola toda a sua bagagem de mundo e repertório linguística, devendo a escola, nesse sentido, ser um centro de reflexão linguística, privilegiando não apenas apenas as formas, mas acima de tudo, a natureza socioenunciativa da Língua Portuguesa, no sentido de trazer luz aos discentes quanto às múltiplas formas de uso social da língua, semantizando-as, como bem colocou Benveniste.

Tendo em vista tal visão teórica, esta pesquisa objetiva tratar a resenha crítica de cinema com um gênero textual passível de uso pedagógico e escolar para instruir discentes quanto aos usos conscientes da Língua Portuguesa. Considera-se gênero textual aqui como bem descreveu Marcuschi: “realizações linguísticas concretas, definidas por propriedades sociocomunicativas” (2003). Essa síntese resume bem o que foi colocado

até aqui: os gêneros de texto como “realizações linguísticas concretas”, isto é: reais, sociais, de uso frenético; e “definidas por propriedades sociocomunicativas”, caracterizadas, portanto, por propósitos sociocomunicativas humanos condicionados discursivamente pelos enunciados.

Optou-se por tal gênero por seu caráter essencialmente persuasivo, exigindo de seu produtor uma iniciativa argumentativa, de posicionamento, no caso, de uma obra fílmica, em ascensão há muitos anos. A ideia é trazer reflexões de cunho teórico, bibliográfico e qualitativo para justificar o uso reflexivo em sala de aula da resenha de cinema, mostrando que tal gênero pode atender às necessidades hodiernas do processo de ensino-aprendizagem de língua materna em consonância com os documentos oficiais e também com as previsões legais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais e a própria Base Nacional Comum Curricular. Dessa forma, espera-se contribuir com a formação de professores de Língua Portuguesa, bem como com o andamento dos estudos discursivos no país.

BREVE HISTÓRICO DO GÊNERO RESENHA CRÍTICA DE CINEMA (OU RESENHA CINEMATOGRAFICA):

A crítica de cinema do jornal estadunidense *The Washington Post* Ann Hornaday, em seu livro *Como falar sobre cinema: um guia para apreciar a sétima arte*, disserta que

não importa quais sejam as expectativas que almejam cumprir, todos os filmes têm uma linguagem essencial em comum: um léxico de convenções visuais, sonoras e performáticas que os conectam, ou, quando essas convenções são habilmente subvertidas, criam uma exceção revigorante. O trabalho do crítico é reconhecer essas conexões e esses rompimentos, não para tratar o leitor com pedantismo ou superioridade, mas para abrir possibilidades de interpretação e enriquecer a experiência cinematográfica, ou pelo menos oferecer uma leitura instigante. (Hornaday, 2021)

É bem verdade que a linguagem cinematográfica possui a sua linguagem própria como meio de se comunicar com o público a fim de contar histórias. De acordo com Hornaday, o crítico de cinema é aquele sujeito peculiar que lida com essa linguagem a fim de enriquecer o filme para o seu público para, como ela diz, “abrir possibilidades de interpretação e enriquecer a experiência cinematográfica ou pelo menos oferecer uma leitura instigante” (Hornaday, 2021). Trata-se da tarefa de analisar a linguagem

cinematográfica desta obra de arte sem deixar de apontar as suas possíveis relações intertextuais e interdiscursivas. Isso é feito a partir da conversão da linguagem audiovisual para a linguagem verbal, concretizada nos textos pertencentes à esfera sociodiscursiva da resenha, ou melhor dizendo: no gênero resenha crítica de cinema ou, simplesmente, resenha cinematográfica. Com base nisso, a fim de entender melhor esse gênero, é interessante passar por um breve histórico seu.

Dentro da história do próprio Cinema, chama a atenção a constatação de que, até certo tempo,

os filmes eram vistos exclusivamente como mero entretenimento, espetáculos da cultura de massa em oposição à alta cultura e, uma vez assim, desprezados pelos intelectuais. O lado ruim disso, diríamos, foi a carência de registros escritos de análises mais apuradas sobre os primeiros filmes, ficando no campo meramente da descrição do evento. (Gomes, 2006)

Inicialmente não gozando de prestígio acadêmico, o Cinema se viu desprezado de análises críticas. Isso mudou quando, pouco a pouco, ele passou a ser visto com mais cuidado no campo das artes. Foi quando houve uma aproximação entre ele e a literatura. Nesse momento, muito por tal motivação, as primeiras análises fílmicas começaram a aparecer, ainda que mais descritivas, é verdade, até a popularização em grandes publicações, sobretudo as europeias (Gomes, 2006):

Quando o cinema ganha certo respeito no campo das artes, a atividade da crítica de filmes e a própria teoria do cinema se viram vinculadas aos sistemas referenciais interpretativos das disciplinas humanísticas, sobretudo da literatura. Com efeito, em meados do século XX os múltiplos enfoques dados aos estudos literários foram também transferidos para a crítica de cinema e, diga-se, não somente a chamada crítica acadêmica como também a crítica comum de filmes, naturalmente parte deste horizonte histórico. Esta pluralidade de enfoques passava pelos estudos dos mitos, das abordagens psicanalíticas, marxistas ou estruturalistas que converteu o filme num “texto” pronto para ser dissecado. Após a Segunda Guerra Mundial, há uma multiplicação de revistas de cinema, especialmente na França (*Cahiers du Cinéma*, *Positif* e *Cinéthique*) na Inglaterra, (*Screen*, *Sequence*, *Sight and Sound*, *Movie*) e nos Estados Unidos (*Film Quartely*, *Film Culture* e *Artforum*). Algumas destas publicações até hoje permanecem como referenciais de textos de qualidade na análise da obra cinematográfica. Além disso, e talvez o mais importante, é que estas revistas acabaram por criar escolas, ao traduzir um modo ensaístico peculiar de fazer as críticas, influenciando esta prática em diversos lugares do mundo. (Gomes, 2006)

De lá pra cá, o Cinema passou a ser visto com profunda admiração, respeito e curiosidade por seus estudiosos, também despertando o interesses de críticos, propulsionando academias e publicações especializadas, sem falar da presença da crítica cinematográfica nas mídias sociais e digitais. Atualmente, então,

a crítica cinematográfica passa por um processo de expansão com o aparecimento de cursos superiores e o aumento de publicações populares impressas, outras mais sofisticadas ligadas às universidades, além dos filmes tornarem-se mais acessíveis para a análise. (Gomes, 2006)

A RESENHA CRÍTICA DE CINEMA COMO UM GÊNERO TEXTUAL

Consoante Bakhtin (2011), “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua.”. Isso significa que a atividade humana, por natureza, dentro de sua diversidade, é essencialmente linguística, verbal. Atividade essa essencialmente interativa, que tem como instrumento a língua. Mais do que isso, é mister destacar que tais interações humanas se dão a fim de satisfazer os interesses individuais, esses, por sua vez, motivados por interesses diversos dentro do processo social de comunicação, o qual é materializado com os gêneros: “Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.” (Bakhtin, 2011).

A dinâmica linguística das interações humanas sociodiscursivas ocorre, portanto, a partir da necessidade inata de interação, instrumentalizada pela língua, materializada pelos gêneros, dentro de uma perspectiva enunciativa, nos termos já trabalhados nesta pesquisa. Então, cada gênero visa a satisfazer às necessidades dos interlocutores, dos sujeitos de fala e são moldados, dialogicamente, para isso. É nessa realidade que se insere o gênero resenha.

Para Fiorin e Savioli (1993),

resenhar significa fazer uma relação das propriedades de um objeto, enumerar cuidadosamente seus aspectos relevantes, descrever as circunstâncias que o envolvem. (...) A resenha pode ser puramente descritiva, isto é, sem nenhum julgamento ou apreciação do resenhador, ou crítica, pontuada de apreciações, notas e correlações estabelecidas pelo juízo crítico de quem a elaborou.

Os autores situam a resenha com uma produção textual acerca de um objeto analisado. Nisso, há a subclassificação em resenhas “descritivas” e “críticas”, em que as primeiras prezam pela mera caracterização do que é analisado, ao passo que as resenhas críticas posicionam-se sobre o objeto. Em relação a esse objeto, tem-se que pode ser, por exemplo, um artefato tecnológico ou artístico-cultural, como é o caso dos filmes.

Acerca do aspecto crítico da resenha, e mais especificamente sobre as resenhas de cinema, Barbare (2004) cita que “criticar um filme é observar detalhes, identificar as características típicas da obra, compará-las a outros do gênero, criticar e elogiar o filme.”. À vista disso, observa-se que para criticar um filme, é preciso se atentar aos detalhes da obra, identificando as suas características típicas, sem deixar de compará-las a outras. Consequentemente, é a partir de tal análise que se faz viável realizar uma crítica fundamentada, quer para elogiar o filme em questão, quer para criticá-lo negativamente.

Ainda sobre a conceituação de Barbare a respeito da crítica da crítica de cinema, é evidente que cita algumas características desse gênero bastante salustares: observação de detalhes e identificação de características da obra (descrição), comparação (intertextualidade) e posicionamento (a crítica em si). Quanto ao primeiro ponto, há uma consonância à definição de Fiorin e Platão, os quais não negam a natureza descritiva do ato de resenha, o que faz muito sentido, afinal de contas: o leitor de tal gênero precisa ser situado quando ao que é analisado, tendo em vista que nem sempre ele tem o repertório ou o conhecimento de mundo adequada para a compreensão da peça textual. Além disso, a resenha de cinema, segundo Barbare, também passa pela comparação entre obras, o que confere a essas produções um ar intertextual por natureza, culminando com a posição crítica do autor do texto em relação ao filme analisado.

É interessante destacar também que, segundo Mikhail Bakhtin, os gêneros são formados a partir de três elementos basilares, a saber: conteúdo temático, estilo e composição (Bakhtin, 2011). Com o tema, o autor se refere ao assunto do enunciado, ao que ele refere (é o equivalente ao “topic” de Jakobson). Já em relação ao estilo, Bakhtin se refere à “seleção operada nos recursos da língua (recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais)” (Bakhtin, 2011). Como já citado, Bakhtin não desconsidera a perspectiva estrutural da língua: ela a reconhece, afirmando, porém que é o enunciado a unidade da comunicação verbal. Por fim, há ainda a construção composicional, isto é: a forma como o enunciado é organizado. É a maneira como as ideias são dispostas e relacionadas entre si, muitas vezes multissemioticamente.

Aplicando a visão bakhtiniana ao gênero resenha crítica de cinema, tem-se que como conteúdo temática há a análise de obra fílmica, a qual por sua, é realizada a partir da descrição, da intertextualidade e bem como do posicionamento crítico. Quanto ao estilo, nota-se que ele é variável a depender do ambiente discursivo no qual circula. Nesse sentido, a mobilização dos recursos linguísticos pode acontecer com mais ou menos criatividade, com mais ou menos flexibilidade, com mais ou menos formalidade, com mais ou menos respeito às normas gramaticais normativas, por exemplo. Por exemplo, críticas que circulam em veículos de imprensa tendem a manter um certo nível de rigor e de formalidade, também presentes em outras críticas que circulam no ambiente digital. Porém, quando o público que consome tais críticas é mais flexível, observam-se outros comportamentos os quais são referentes à mobilização linguística, igualmente flexível. Já em relação à composição, isso já foi visto: descrição, intertextualidade, posição crítica. Sempre em prosa.

A RESENHA DE CINEMA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: POR QUÊ?

A Base Nacional Comum Curricular reconhece

a centralidade do texto como a unidade do trabalho educacional e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem sociointeracionista, de maneira a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses. (BNCC, 2018)

Nesse contexto, no que tange às aulas de língua materna no contexto escolar, corroborando a posição outrora definida pelos PCNs de que “a unidade básica do ensino só pode ser o texto” (PCN, 1998), a Base Nacional Nacional Comum Curricular (BNCC), um dos documentos normativos oficiais que orientam os processos de ensino-aprendizagem no país, empreendem o projeto de conceder às aulas de língua portuguesa um viés enunciativo-discursivo, materializado pelos gêneros textuais. Com isso quer se dizer que as reflexões linguísticas em sala de aula devem acontecer sempre em uma perspectiva sociointeracionista, tendo como ponto de partida a noção de enunciado, conforme exposta, dentro de uma visão discursiva. O instrumento que possibilita isso é o texto, que deve ser trabalhado, conforme normatização da BNCC, levando em conta as suas

condições de produção, a fim de conscientizar os discentes acerca de tais condições, quer como emissores, alocutários, quer como receptores. A ideia, portanto, é transcender uma abordagem pedagógica que leva em conta apenas fatores estruturais e estilísticos. Não se trata aqui de enfatizar um dos elementos em detrimento do outro, mas, no âmbito da escola bakhtiniana, mostrar a importância dos recursos linguísticos (morfológicos, sintáticos, semânticos, fonológicos etc) em prol do inevitável processo de sociointeração linguística humana em todas as suas tensões. Como observa a própria Base Nacional Comum Curricular, “as abordagens linguística, metalinguística e reflexiva ocorrem sempre a favor da prática de linguagem que está em evidência nos eixos de leitura, escrita ou oralidade.” (BNCC, 2018)

Os conhecimentos sobre a língua, as demais semioses e a norma-padrão não devem ser tomados como uma lista de conteúdos dissociados das práticas de linguagem, mas como propiciadores de reflexão a respeito do funcionamento da língua no contexto dessas práticas. A seleção de habilidades na BNCC está relacionada com aqueles conhecimentos fundamentais para que o estudante possa apropriar-se do sistema linguístico que organiza o português brasileiro. (BNCC, 2018)

É por isso que a aplicação escolar do gênero resenha crítica de cinema também precisa passar necessariamente pelo aspecto de estilo desse gênero, no que se refere às construções sintáticas-semânticas de atribuição (predicativos, adjuntos adnominais, termos caracterizadores etc), além de próprias figuras de linguagem, por exemplo.

Por outro lado, a utilização desse gênero é interessante por, entre outras coisas, promover um exercício linguístico multissemiótico, uma vez que se trata da relação entre a linguagem cinematográfica e a linguagem verbal para “lidar com a multissemiose dos textos e com as várias mídias.” (BNCC, 2018). Sobre isso, Martins (2008) enfatiza que

Na prática de análise do gênero discursivo resenha de filme, temos que mostrar que o vídeo parte do concreto, do visível, do imediato, do visual, e por meio dele, sentimos o outro, o mundo e a nós mesmos. É muito importante deixar claro para o aluno, que o vídeo explora o ver, o visualizar, o ter diante de nós as situações, as pessoas, os cenários, as cores, as relações espaciais, que está ligado ao presente, passado e futuro, e que o ver está na maior parte das vezes, apoiando o falar, o narrar, o contar histórias. Esse gênero combina comunicação sensorial - cinestésica com a audiovisual, a intuição com a lógica, a emoção com a razão, começando pelo sensorial, pelo emocional e pelo intuitivo para atingir o racional. Educar pelo cinema no processo escolar significa ensinar a ver diferente. E não ver apenas pelo olhar e ser espectador passivo, mas aprender a ver criticamente através dos resumos e das resenhas de filmes.

Inclusive, a própria BNCC admite a possibilidade do uso pedagógico do gênero resenha ao tratar da produção de textos ao dizer que aos estudantes pode ser sugerida as ações de “comentar e indicar diferentes produções culturais por meio de resenhas” (BNCC, 2018).

Outro ponto de destaque que justifica a aplicação escolar do gênero resenha crítica de cinema passa pela questão da necessidade de posicionamento crítico. Ora, se a resenha objetiva apresentar a opinião do autor sobre algo (no caso, sobre uma obra da sétima arte), é evidente que se faz necessária uma postura crítica, de posicionamento, de argumentação. Com isso em vista, infere-se que a produção desse gênero em sala de aula pode em muito auxiliar os discentes a se apropriarem de sua língua materna para o seu próprio posicionamento sobre o mundo, para o desenvolvimento de sua análise crítica, mobilizando repertórios socioculturais e mecanismos linguísticos em uma prática de evidente letramento, ou seja: de uma apropriação linguística consciente e pragmática em prol da comunicação.

Assim, a utilização do gênero resenha crítica de cinema em sala de aula é uma prática pedagógica que em muito pode contribuir para o desenvolvimento de diversas habilidades e competências dos estudantes, como o aprimoramento da análise crítica e do consequente ato de argumentar, em um processo reflexivo de sociocomunicação, pois, como já enfatizado, a língua é instrumento de comunicação para atender os interesses dos indivíduos, os quais, por sua vez, estão envoltos em suas tensões e condições de produção sociodiscursiva. Outrossim, como já afirmado, a resenha crítica de cinema é um gênero textual que consiste na análise e também na avaliação de uma obra fílmica, de maneira que o autor deve apresentar uma visão crítica sobre a obra analisada, sem deixar de destacar pontos positivos e negativos, argumentando a respeito de sua posição adotada.

O uso da resenha crítica de cinema na sala de aula pode ser um importante recurso para promover a aprendizagem ativa dos alunos, pois ao serem convidados a analisar e a avaliar um filme, eles poderão ser estimulados a pensar criticamente sobre a obra, identificando os seus elementos, refletindo dialogicamente sobre os seus significados. Para isso, os alunos precisam defender a sua própria posição sobre a obra, apresentando argumentos e evidências que sustentem seu ponto de vista, o que exige um estudo linguístico-textual pragmático da língua materna, bastante pertinente em uma perspectiva sociointeracionista.

Também é importante ressaltar que a resenha crítica pode ser uma forma de promover a comunicação e a reflexão entre os alunos: ao compartilharem as suas próprias resenhas entre si e/ou com outros, os alunos podem aprender com as perspectivas de seus colegas e aprofundar sua compreensão sobre a obra, confirmando o caráter interacional das comunicações humanas, tal qual como a vida cotidiana dos estudantes. Portanto, o uso do gênero resenha crítica de cinema na sala de aula é uma prática pedagógica que pode ser muito enriquecedora para o processo de aprendizagem. Além de todos estes benefícios, o uso de tal gênero pode ainda contribuir para o desenvolvimento da sensibilidade estética dos alunos, para a ampliação do repertório cultural, para o estímulo ao gosto pela leitura e pela escrita, promovendo autonomia em relação à própria língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma análise realmente produtiva da língua deve passar necessariamente pelo estudo das características sociais e humanas que a envolvem, levando em conta as suas particularidades. A ideia aqui é transcender uma análise linguística meramente estrutural ou normativa. Na verdade, é entender de maneira utilitária as formas linguísticas para o atendimento das interações humanas que acontecem com o artifício linguístico.

Nesse sentido, para além das formas linguísticas, precisa-se considerar o enunciado como unidade de observação idiomática, em um âmbito pragmático e sociocomunicativo. Essa noção precisa se fazer presente na escola, de forma a conscientizar o alunato sobre as condições discursivas que envolvem a utilização da língua, utilização essa materializada pelo texto em seus gêneros. Um desses gêneros é a resenha crítica de cinema, caracterizado pela exposição sistemática de seu autor acerca de sua posição sobre uma obra audiovisual analisada, mobilizando mecanismos linguísticos, textuais e extra-linguísticos para tal tarefa.

Trabalhar esse gênero em sala de aula na educação básica, além de atender a diversas previsões oficiais, também dialoga com perspectivas linguísticas sociointeracionistas, o que culmina na construção de um pensamento crítico e linguístico nos estudantes, oferecendo a eles uma possibilidade de apropriação linguística e de posicionamento sobre a realidade, além da mobilização de seu conhecimento de mundo,

o que gera no jovem uma valorização de seu conhecimento obtido em sua própria realidade, dignificando-o ainda mais.

Em outras palavras, é uma abordagem que, por meio da língua, dá voz ao estudante e o coloca como sujeito protagonista de seu mundo e múltiplas realidades no interativo processo de sociocomunicação humana, instrumentalizado pela língua, materializado pelos gêneros em diversas tensões sociodiscursivas, de maneira a construir um usuário da língua ciente desses pormenores, de maneira a ela posicionar-se conscientemente nesse universo, entendendo a função e o valor de sua língua materna para tal.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo - SP: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**, 6ª ed; São Paulo - SP: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo - SP: Hucitec, 1981.

BARROS, Eliana Merlin Deganutti. NASCIMENTO, Elvira Lopes. **O gênero “resenha cinematográfica” na abordagem do interacionismo sociodiscursivo**. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/SIGET_III/artigos/Barros.pdf>. Acesso em 02 de outubro de 2023.

BERBARE, Ângela Popovici. **Crítica de cinema**: caracterização do gênero para projetos de produção escrita na escola in: LOPES-ROSSI, Mª Apª (org.). *Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos*. Taubaté - SP: Cabral, 2004.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas - SP: Pontes Editorial, 1989.

ELIAS, Vanda Maria. KOCH, Ingedore Villaça. **Linguística textual**: uma introdução. São Paulo - SP: Editora Contexto, 2010.

FIORIN, José Luiz. SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto**: leitura e redação. São Paulo - SP: Ática, 1993.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**, 2ª ed; São Paulo - SP: Contexto, 2022.

HORNADAY, Ann. **Como falar sobre cinema**: um guia para apreciar a sétima arte. Rio de Janeiro - RJ: BestSeller, 2021.

INDURSKY, Freda. **A categoria texto nos estudos da linguagem**: especificidades e limites. Acesso em 15 de agosto de 2023. Disponível em: <<http://sintaxedotexto.pbworks.com/w/file/119853741/Freda%20Indursky%2000%20texto%20nos%20estudos%20da%20linguagem.pdf>>.

GOMES, Regina. **Crítica de cinema**: história e influência sobre o leitor. In: *Revista Crítica Cultural*, vol. 01, N.º 02, jul/dez 2006. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Critica_Cultural/article/viewFile/93/103>. Acesso em 03 de outubro de 2023.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo SP: Cultrix Editorial, 2003.

LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. BRASIL.

MACEDO, Patrícia Sousa Almeida de. **Análise da Argumentação no Discurso**: uma perspectiva textual. 2018. 245f - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais**: definição e funcionalidade. In: *Gêneros textuais e ensino*. 2ª ed. Ângela Paiva Dionísio, Ana Rachel Machado, Maria Auxiliadora Bezerra (Orgs). São Paulo - SP: Parábola Editorial, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo - SP: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, Zelita Borges. **O gênero discursivo resenha de filmes em uma prática pedagógica**. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_zelita_borges_martins.pdf>. Acesso em 16 de agosto de 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília – DF, 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. Volume 2; Brasília – DF, 1997.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo - SP: Parábola Editorial, 2021.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3ª edição, Belo Horizonte – MG: Autêntica, 2009.

AUTORES



Davi Braga da Silva

Mestre em Educação, especialista em Didática, formação docente, metodologia do ensino, administração escolar, supervisão e orientação. Graduado em Pedagogia pelo Centro Universitário do Norte - Uninorte.

Fábio José Brito dos Santos

Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Londrina – UEL, mestre em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará – UEPA, quilombola paraense, docente da Educação Básica e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. E-mail: fabyosantos819@gmail.com

Fernanda Brito dos Santos

Mestranda em Etnodiversidade pela Universidade Federal do Pará – UFPA, docente da Educação Básica e quilombola paraense. E-mail: feffesanttos@gmail.com

Michela Cristina da Silva

Licenciatura em Letra e Inglês. Faculdade Integrada de Naviraí – MS.

Monaliza Alexandre Mafra de Sousa

Licenciada em Letras - Língua Inglesa pelo Centro Universitário do Norte - Uninorte.

Naiara Silva dos Santos

Graduação em pedagogia pela UFMS/CPNV. Mestrado em Educação pela UFMS/CPTL.

Natanael da Costa

Graduado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa, especialista em Docência no Ensino Superior e mestrando em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), desenvolvendo pesquisa na área dos estudos da linguagem e práticas discursivas. Atualmente é professor efetivo da rede municipal de ensino de São Luís - MA, ministrando aulas de língua materna a estudantes do Ensino Fundamental Maior (6ª a 9ª séries). E-mail: natanaelcosta@yahoo.com

Ricardo Regis de Almeida

Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás. Graduado em Letras: Português e Inglês também pela UEG. Atua como professor de inglês no IFPA - campus Óbidos e vice-líder do Grupo Multidisciplinar de Pesquisas e Estudos Decoloniais em Linguagem, Raça e Gênero (DECOLGERA) e pesquisador na Rede Cerrado de Professorxs de Línguas.

Rosana Soares Dos Santos

Licenciatura em Pedagogia. Universidade Anhanguera polo Naviraí – MS.

Valdete de Souza Silva

Universidade Estadual de Mato grosso do Sul – UEMS. Licenciatura em Ciências Biológica e Normal Superior.

Wagner Dos Santos Ribeiro de Abreu

Licenciatura em Matemática. Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG.



ISBN 978-655492078-0



9

786554

920780